



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUCIMEIRE SALES ARAÚJO

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DESAFIOS DE ESTAGIÁRIAS NO RETORNO PRESENCIAL
EM PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID - 19**

JOÃO PESSOA - PB

2022

LUCIMEIRE SALES ARAÚJO

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DESAFIOS DE ESTAGIÁRIAS NO RETORNO PRESENCIAL
EM PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID - 19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia, da Universidade Federal da
Paraíba, em cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia

Orientador: Prof. Dr^a. Quézia Vila Flor Furtado

JOÃO PESSOA - PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663e Araújo, Lucimeire Sales.

O estágio supervisionado na educação de jovens e adultos: desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da Covid-19 / Lucimeire Sales Araújo. - João Pessoa, 2022.
54f.

Orientação: Quézia Vila Flor Furtado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Estágio supervisionado - Pedagogia. 2. EJA. 3. Ensino híbrido. 4. COVID-19. I. Furtado, Quézia Vila Flor. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37(043.2)

LUCIMEIRE SALES ARAÚJO

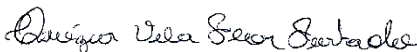
**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DESAFIOS DE ESTAGIÁRIAS NO RETORNO PRESENCIAL EM PERÍODO DA
PANDEMIA DA COVID - 19**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

RESULTADO: APROVADO NOTA: 9.3

João Pessoa, 13 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a. Quêzia Vila Flor Furtado (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a. Dr^a. Isabel Marinho Costa (examinadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Me. Luciano de Sousa Silva (examinador)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, que sempre me conduziu com as devidas lições de amor, fraternidade e compaixão hoje e sempre.

Aos meus pais, Maria de Araújo Agostinho e Luiz Herculano de Araújo (In Memoria), pelo amor e carinho e que sempre estiveram ao meu lado nas horas difíceis e felizes da minha vida.

Aos meus irmãos, Lucicleide Sales Araújo, Marcos Aurélio Sales de Araújo, André Sales de Araújo, que sempre deram suporte e apoio para continuar na minha caminhada.

A minha filha querida e amada Isabel Cristina Araújo da Costa e minha neta querida Ana Beatriz Araújo Gomes, pelo amor e incentivo de não desistir dos meus sonhos, sendo elas a razão do meu viver.

A minhas queridas e amadas sobrinhas Vanessa Araújo Alves, Renata Araújo Gomes e Letícia da Cunha Bustorff Sales de Araújo, por terem me incentivando a continuar fazendo o que gosto, que é estudar.

Aos meus amigos, especialmente, as amigas Enelucia Santos e Maria Ana Belly Sales, pelo companheirismo, pela força e compreensão. Aos amigos da Universidade e professores, que estiveram sempre comigo nessa longa jornada.

A minha prezada e querida orientadora Prof^a. Dr^a Quézia Vila Flor Furtado, pela dedicação, compreensão e amizade durante todo o meu percurso na construção do meu TCC. Pelas orientações importantíssimas para minha formação docente e para minha vida.

“O bom professor é aquele que se coloca junto com o educando e procura superar com o educando o seu não saber e suas dificuldades, com uma relação de trocas onde ambas as partes aprendem...”

(Paulo freire)

RESUMO

Devido ao cenário que o mundo vivenciou e os impactos do avanço da pandemia da COVID-19, medidas foram implantadas para combater a disseminação do vírus, entre elas, as restrições e o isolamento social que afetaram todas as esferas da sociedade, principalmente a educacional, com a suspensão das aulas presenciais e se tornou essencial e emergencial a implantação do ensino remoto nas instituições de ensino em todo país, consequentemente tendo a comunidade escolar que enfrentar um grande desafio para adaptação ao novo modelo de ensino, desafiador tanto para os estudantes quanto para os professores, ocorrendo assim mudanças nos processos pedagógicos. O objetivo geral desse trabalho foi conhecer os desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID – 19, cujos objetivos específicos foram: caracterizar a situação social e econômica dos alunos e das estagiárias na pandemia durante o estágio supervisionado na EJA; identificar os desafios enfrentados no estágio supervisionado pelas estagiárias no modo híbrido de ensino na pandemia, assim como refletir sobre o contexto da EJA nesse período. O modo híbrido constou na divisão em presencial nas instituições de ensino, e modo remoto nas orientações do estágio. A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de campo com abordagem qualitativa, do tipo exploratória e coleta dos dados feita através da elaboração e aplicação de um questionário contendo 14 (quatorze) questões abertas e fechadas com a participação de 08 (oito) estagiárias que cursaram o componente curricular obrigatório na EJA da Universidade Federal da Paraíba - Campus I no período 2021.2. O pressuposto para análise do trabalho teve como base a leitura dos seguintes autores: Freire (1996, 2003, 2004), Cunha (2020), Gadotti (2011), entre outros de grande relevância na área educacional. A pesquisa mostrou que problemas já existiam nessa modalidade, e devido às condições socioeconômicas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, grandes desafios foram enfrentados durante esse período de pandemia e no retorno ao modo presencial, sendo relatadas inúmeras motivações para que chegasse a esse quadro preocupante como um exemplo, o aumento da evasão escolar. Na reflexão desse contexto desafiador e na busca de conhecimento, espera-se que tenha havido uma contribuição com a pesquisa na EJA, para uma melhoria na qualidade de ensino dessa modalidade e também do estágio supervisionado para que ocorra um aprimoramento na atuação dos futuros docentes.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado - Pedagogia; EJA; Ensino Híbrido; COVID-19.

ABSTRACT

Due to the scenario that the world experienced and the impacts of the advancement of the pandemic of COVID-19, measures were implemented to combat the spread of the virus, among them, the restrictions and social isolation that affected all spheres of society, especially education, with the suspension of classroom lessons and it became essential and urgent the implementation of remote teaching in educational institutions throughout the country, consequently having the school community to face a major challenge to adapt to the new teaching model, challenging for both students and teachers, thus occurring changes in pedagogical processes. The general objective of this work was to learn about the challenges faced by trainees in the face-to-face internship during the pandemic period in COVID-19. The specific objectives were: to characterize the social and economic situation of students and trainees in the pandemic during the supervised internship in EJA; to identify the challenges faced in the supervised internship by trainees in the hybrid mode of teaching in the pandemic, as well as to reflect on the context of EJA during this period. The hybrid mode was divided into face-to-face in the teaching institutions and remote mode in the internship orientations. The research was conducted through a literature review and field research with a qualitative, exploratory approach and data collection through the development and application of a questionnaire containing 14 (fourteen) open and closed questions with the participation of 08 (eight) trainees who attended the compulsory curricular component in EJA at the Federal University of Paraíba - Campus I in the period 2021. 2. The presupposition for the analysis of the work was based on the reading of the following authors: Freire (1996, 2003, 2004), Cunha (2020), Gadotti (2011), among others of great relevance in the educational area. The research showed that problems already existed in this modality, and due to the socioeconomic conditions of the subjects involved in the teaching and learning process, great challenges were faced during this pandemic period and in the return to face-to-face mode, and numerous motivations were reported for reaching this worrisome situation, such as an example, the increase in school dropouts. In the reflection of this challenging context and in the search for knowledge, it is expected that there has been a contribution with the research in EJA, for an improvement in the quality of teaching in this modality and also in the supervised internship for an improvement in the performance of future teachers.

Key words: Supervised Internship - Pedagogy; EJA; Hybrid Teaching; COVID-19.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CE - Centro de Educação

EJA – Educação de Jovens e Adultos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS	11
2.1 A Educação de Jovens e Adultos: história e atualidade.....	11
2.1.1 Breve histórico da EJA.....	11
2.1.2 Educação de Jovens e Adultos em contexto de pandemia COVID 19	14
2.2 O Estágio Supervisionado e a formação de professores para EJA.....	23
2.2.1 A prática educativa na Educação de Jovens e Adultos.....	25
3 CENÁRIO DE PESQUISA E METODOLOGIA	28
3.1 Cenário da pesquisa	28
3.2 Sujeitos da pesquisa	30
3.3 Instrumentos da pesquisa	30
4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA EM PERÍODO DE PANDEMIA	32
4.1 Participação na orientação para estágio.....	32
4.2 Acolhimento na escola (Gestor, Supervisor, Estudante).....	33
4.3 Execução da Proposta Didática.	35
4.4 Dificuldades dos estudantes da EJA durante a retomada das aulas presenciais.	37
4.5 - Dificuldades apresentadas pelas estagiárias durante o período de estágio.	39
4.6 Utilização de Materiais Didáticos.	41
4.7 Avaliação da experiência com instituição de ensino	42
4.8 Prática em relação a teoria no campo de estágio.	44
4.9 Importância do estágio em EJA para a formação dos futuros docentes.	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICES	53

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer os desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID – 19 na EJA, que tiveram que se adaptar ao modo híbrido de ensino para a sua formação acadêmica e tendo que enfrentar as situações na prática da escolarização dessa modalidade, compreendendo que é a única alternativa para muitos alunos para concluir os estudos nos níveis fundamental e/ou médio, mas por causa da pandemia desde o mês de março de 2020, as aulas da EJA na cidade de João Pessoa/PB foram suspensas.

Devido às medidas de isolamento e distanciamento social, os efeitos da pandemia atingiram a educação em todos os ciclos e com a suspensão das aulas presenciais ficou ainda mais difícil, sendo promovida pela internet a Educação para Jovens e Adultos e se a questão da evasão escolar era uma questão que preocupava antes da pandemia, imagine agora, pois um dos motivos dessa desistência seria que muitas vezes, eles deixam de estudar em decorrência do cansaço no cotidiano, optando por trabalhar em vez de estudar, sendo necessário criar estratégias que possam combater nessa modalidade o abandono e a evasão escolar. Dessa forma a escola e o professor tiveram que adotar novas práticas pedagógicas e mudando sua forma de ensinar e aprender, buscando sua forma de conduzir a situação, tendo uma intencionalidade para pensar a experiência de aprendizagem, precisando escolher novas metodologias e incluindo em seu planejamento as ferramentas tecnológicas, permitindo a criação de novos significados, sempre articulando os propósitos da aula com sua utilização.

Sabemos das dificuldades que os jovens enfrentam para conclusão de seus estudos e o que objetivou a escolha do tema da Educação de Jovens e Adultos foi primeiramente de ter cursado o componente curricular Educação de Jovens e Adultos que me instigou para identificar as dificuldades que esses alunos enfrentam e conseqüentemente uma reflexão de que maneira poderíamos realizar uma melhoria no planejamento, auxiliar na modificação dessa situação e realizar uma aprendizagem significativa. Pelas experiências durante os primeiros estágios supervisionados no Curso de Pedagogia, onde tive o prazer de conhecer a história de vida de alguns alunos e seu esforço para continuar estudando e a partir daí reforçadas por elas, surgiu o interesse em aprofundar mais sobre o assunto.

A realidade vivenciada durante o período do estágio supervisionado no retorno das aulas presenciais durante a pandemia em uma escola pública em João Pessoa/PB, não foi fácil e nunca será, foi uma experiência desafiadora, em todos os aspectos da vida humana e em sociedade, já que depois de um longo período de isolamento, tivemos que enfrentar as

incertezas da volta ao cotidiano, com certeza muitos obstáculos e dificuldades surgirão, tal como falta de investimento, muita insegurança, pouca oferta de transporte público no horário das aulas noturnas, mas esse contato direto com os sujeitos envolvidos da EJA foi gratificante e inspirador e por isso me estimulou a conhecer mais profundamente esse universo, tendo a esperança que com compromisso e determinação, poderemos contribuir de alguma forma para melhoria desse quadro preocupante que é a Educação de Jovens e Adultos no nosso país, na tentativa de uma transformação dessa realidade, mesmo que seja pouco a pouco.

Nessa reflexão e na busca de dar uma contribuição com essa pesquisa para a Educação de Jovens e Adultos, principalmente ao conhecer os desafios enfrentados no contexto da pandemia durante o estágio supervisionado no retorno presencial, surgindo assim o problema de pesquisa: Quais os desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID – 19?

Neste aspecto, entende-se que o objetivo geral da pesquisa se pauta em conhecer os desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID – 19 na EJA. Logo, os objetivos específicos são: Caracterizar as situações sociais e econômicas dos alunos e das estagiárias na pandemia da Covid durante o estágio supervisionado na EJA; identificar os desafios enfrentados no estágio supervisionado pelas estagiárias no modo híbrido de ensino na pandemia; e refletir sobre o contexto da EJA no estágio supervisionado durante o período pandêmico.

De tal modo que esse estudo busque ter uma importância acadêmica e social uma vez que aborda uma temática que precisa de um olhar mais sensível e reflexivo de todos da sociedade, principalmente na visão das estagiárias, que observaram e participaram desse cotidiano escolar durante o período do estágio, dando de alguma forma uma contribuição para que mudanças necessárias na área de educação de jovens e adultos aconteçam. Visto que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que tem a intenção de dar acesso à educação para jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de concluir o ensino fundamental ou ensino médio no seu período devido, por inúmeras razões e que vem enfrentando muitas dificuldades históricas na educação no Brasil e durante a pandemia ficou ainda mais evidente os problemas enfrentados por todos, de modo geral, na educação, principalmente na escola pública, sendo uma modalidade de ensino que é notadamente deixada um pouco de lado, logo, é marcada como uma educação voltada para os sujeitos que não concluíram a escolarização na idade “correta” então é supletiva e aligeirada.

Em se tratando da educação dos alunos jovens e adultos, que vêm da parcela da população mais pobre, isso fica mais preocupante principalmente nesse momento de pandemia, por terem pouquíssimas ou pela falta de condições de recursos necessários para educação durante o ensino remoto e que continua acarretando grandes desafios no retorno das aulas presenciais.

O trabalho está subdividido em cinco partes. Além dessa parte introdutória, a segunda parte é constituída pelo referencial teórico, que embasa a análise a ser realizada com os resultados obtidos na pesquisa. Em seguida, é apresentada a metodologia da pesquisa, desenvolvida para atingir os objetivos apresentados. Após isto, são apresentados e analisados os principais resultados obtidos e, finalmente, no último tópico são efetuadas as considerações finais, incluindo conclusões e seguidas das referências.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Antes de conhecer os desafios no estágio supervisionado no modo híbrido desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos no período da pandemia da Covid-19, que é o objetivo geral deste estudo, faz-se necessário fazer um breve histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, visto que, os acontecimentos ocorridos no decorrer da história estão relacionados com a atual situação dessa modalidade em nosso país, especialmente no processo de formação profissional das estagiárias neste período de pandemia.

2.1 A Educação de Jovens e Adultos: história e atualidade

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino criada pelo governo federal pela Lei de Diretrizes Básicas e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) e têm como princípio a Formação Continuada, com o objetivo de proporcionar o acesso à educação e à capacitação a indivíduos que, por diversos motivos, não concluíram a Educação Básica na idade certa e veio para promover a melhoria escolar na vida do indivíduo trazendo benefícios na vida escolar, levando autoestima para o aluno, pois muitos deles voltam para a sala de aula com a estima baixa e ainda chegam despreparados e além disso, reparar os direitos negados, na tentativa de diminuir o abismo social generalizado e consequentemente à desigualdade no país.

2.1.1 Breve histórico da EJA

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino da Educação Básica nos níveis fundamental e médio, com características próprias e funções definidas que objetiva o alcance de um direito negado historicamente, mais igualdade de acesso, condições de permanência e aprendizagens significativas na escola, de adolescentes, jovens, adultos e idosos, com trajetórias escolares prévias ou não. A EJA também abrange o que chamamos de aprendizagem ao longo da vida, no contexto da educação continuada, no sentido de garantir o direito de todos à educação.

Antes de adentrar nos desafios que os alunos da EJA enfrentam diariamente, é importante fazer um parâmetro de como ela surgiu e qual era a intenção dela na esfera educacional.

A educação de adultos se constitui como tema de política educacional a partir de 1940, iniciando a preocupação com as camadas da população que até então eram excluídas da oferta de escolarização. Durante as décadas de 1940 e 1950 começam a surgir em níveis estadual e local ações e programas governamentais entre elas a da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958).

Ao lembrar o final da década de 1950, nota-se a inserção de duas principais tendências educacionais com enfoque na Educação de Adultos (EDA). Uma delas voltada para a educação profissional, direcionada à qualificação de mão de obra útil e “barata”, atendendo aos interesses econômicos emergentes. A outra pensada e formulada por Paulo Freire visava uma educação libertadora, e tinha como objetivo formar indivíduos enquanto cidadãos reflexivos, críticos e autônomos (GADOTTI, 2011).

O Ministério da Educação organizou em 1964, o último dos programas de corte nacional desse ciclo, o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, incorporando as orientações de Paulo Freire, com o golpe militar, ele foi desestruturado pela violenta repressão, mas algumas instituições como igrejas, espaços comunitários entre outras resistiram e sobreviveram implantando ações educativas voltadas à alfabetização de adultos inspiradas pelo modelo Freireano. O governo Federal organizou a partir de 1969 o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), um programa nacional voltado a oferecer alfabetização a parcelas dos adultos analfabetos em várias localidades do Brasil e que foi extinto em 1985 pelo descrédito dos meios políticos e educacional.

Pela Constituição de 1988 a educação básica, como direito seria estendido aos jovens e adultos, foi resultado do envolvimento de diversos setores progressistas que se mobilizaram para ampliar os direitos sociais e das responsabilidades do Estado no atendimento às necessidades dos grupos sociais mais carentes.

De acordo com Gadotti (2011), a Educação de Jovens e Adultos envolve pessoas que se encontram em uma situação social “frágil”, de modo geral, onde os alunos são trabalhadores que lutam para ultrapassar suas difíceis condições de vida (moradia, alimentação, emprego, etc.) que fazem parte da origem do analfabetismo. O analfabetismo é “a expressão da pobreza”, que ocorre de uma estrutura social injusta e que persiste em continuar nos tempos atuais.

A procura da complementação da escolarização e diminuição do analfabetismo, surgiu então o Ensino Supletivo em 1971, trazendo aqueles alunos que ainda não tinham conseguido terminar seus estudos no ensino regular, pensando na flexibilização de uma escolarização

tardia e atividades educativas da maneira a suprir suas deficiências, além disso, algumas mudanças na sua proposta foram feitas procurando atender apenas interesse de governo.

Segundo Gadotti (2011, p. 42):

A Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtien (Tailândia), em 1990, entendeu que a alfabetização de jovens e adultos seria a primeira etapa da educação básica. Ela consagrou, assim, a idéia de que a alfabetização não pode ser separada da pós-alfabetização, isto é, separada das “necessidades básicas de aprendizagem”.

Com a finalidade da preparação do Ano Internacional da Alfabetização (1990) foi criada em 1989 no Brasil a Comissão Nacional de Alfabetização, coordenada no início por Paulo Freire e depois por José Eustáquio Romão. (GADOTTI, 2011, p. 44)

Paulo Freire representa um marco para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil e sem sombra de dúvida no mundo. Ele se destacou mundialmente pela forma de como concebia a Educação de Jovens e Adultos, e a sua contribuição foi de suma importância para o desenvolvimento do ensino.

A Educação de Jovens e Adultos nunca foi “prioridade” na educação do país. Diante disso, é preciso, termos consciência que a qualidade dessa educação precisa, antes de tudo, levar em consideração a realidade dos alunos fora da escola.

Neste sentido, Gadotti (2011, p.39) afirma que:

Não se pode medir a qualidade da educação de adultos pelos palmos de saber sistematizado que foram assimilados pelos alunos. Ela deve ser medida pela possibilidade que os dominados tiveram de manifestar seu ponto de vista e pela solidariedade que tiver criado entre eles.

Com essa lógica, os alunos precisam ter voz dentro das instituições de ensino e elas precisam se adequar ao contexto em que os alunos estão inseridos. De acordo com Freire (1991, p.30), ressalta que:

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como um ato de conhecimento, como ato criador e como ato político, é um esforço de leitura do mundo e da palavra.

Alunos que em sua quase totalidade formada por aqueles que já possuem histórico de exclusão educacional é marcado pela negligência dos governos e vê sua situação ainda mais agravada, e conseqüentemente provocando um grande desafio para os sistemas educacionais.

Hoje, a estrutura dos cursos presenciais da EJA é organizada em sua maioria como ciclos e atende jovens e adultos com idade mínima de 15 anos (Ensino Fundamental Anos Iniciais que correspondem ao Ciclo I (1º, 2º, 3º) e Ciclo II (4º, 5º), 16 anos (Ensino Fundamental Anos Finais - Ciclo III (6º, 7º) e Ciclo IV (8º, 9º) e 18 anos (Ensino Médio - Ciclo V (1ª série, 2ª série) e Ciclo VI (3ª série e aprofundamento do Ciclo V), ele precisará ter a idade mínima de acesso a EJA, já no ato da matrícula e cada ciclo terá a duração de um ano letivo completo.

Havendo possibilidade de uma flexibilidade no horário de início das aulas para atender às necessidades dos alunos trabalhadores/as e outras demandas e tem a composição de aulas geminadas, devendo considerar a formação integral do estudante, sendo também oferecido cursos em formato semipresencial que tem como finalidade atender jovens e adultos que não dispõem de tempo para frequentar a unidade de ensino no formato exclusivamente presencial, com frequência e calendário comum ao presencial, assim, dando oportunidade de continuidade aos estudos a partir dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, respeitando a sua condição de estudante trabalhador (a), que exige outro ritmo e métodos específicos de aprendizagem.

Essa modalidade precisa ser inserida no Projeto Político Pedagógico da unidade de ensino, levando em consideração a EJA em todas as suas especificidades, tendo sua metodologia devendo estar pautada em projetos pedagógicos com temáticas relevantes definidas no início do ano, juntamente com os estudantes, considerando interesses e necessidades. Para o bom funcionamento da modalidade é indispensável que seja oferecida antes do início das aulas uma merenda escolar.

2.1.2 Educação de Jovens e Adultos em contexto de pandemia COVID 19

O impacto da pandemia na rotina em casa foi e está sendo grande, conciliar o trabalho com as aulas online dos filhos não foi nada fácil, principalmente para os pais que se sentiam sobrecarregados, pois ficavam com a responsabilidade de ajudar os filhos nas atividades e muitos deles por falta de tempo ou por falta de conhecimento não tinham condições para auxiliá-los e para os alunos foi bem difícil, no caso da EJA não foi diferente, já que abrange

justamente pessoas jovens e adultos com seus familiares e essas dificuldades na educação do Brasil, terão ao longo do tempo consequências graves, tanto educacionais como emocionais, devido ao período de incertezas que estamos vivendo.

Outro fator que dificultou essa aprendizagem na pandemia foi conseguir nas aulas remotas que os estudantes ficassem concentrados o suficiente para ficar muito tempo focados na tela do celular ou computador para a assimilação do conteúdo pedagógico e também para a maioria a falta desses equipamentos adequados em casa, acesso à internet, único equipamento para vários filhos, falta de provimento de internet foram os principais problemas enfrentados durante a interrupção das aulas presenciais em todos os níveis de ensino.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)¹ informou que:

Dados mais recentes do Censo Escolar (2020) indicam os efeitos primários da pandemia da covid-19, aliada ao contexto de violação de direitos subjacente em nosso país. A EJA registrou a queda mais acentuada no número de matriculados entre todas as modalidades de educação, com redução de 8,3% em relação à 2019, o que corresponde a quase 270 mil estudantes a menos. Além disso, o Censo indica que 1,5 milhão de estudantes entre 14 e 17 anos não frequentam mais a escola [...]

Esses dados mostram que o direito à educação continua sendo violado e que é preciso o desenvolvimento de políticas públicas que atendam os sujeitos da EJA e suas especificidades. Mas há sempre uma luz no fim do túnel, já que o compartilhamento de experiências, inspira e motiva os profissionais dessa modalidade, juntamente com a coordenação e gestão escolar, para criação de metodologias e estratégias de trabalho para combater a evasão escolar, fazendo o acolhimento desses estudantes e também dos docentes que tiveram que se adaptar a essa realidade, inclusive relatam que esses efeitos da falta das aulas presenciais durante esse longo período vem causando para eles processo bastante difícil.

Justamente por conta das suas especificidades, esse aluno que trabalha durante o dia e estuda à noite, em busca de melhorar sua qualidade de vida, tendo uma rotina diferenciada, para que ele realmente aproveite esse período na escola seriam necessárias práticas

¹ Observatório da Educação ensino Médio e Gestão <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/educacao-de-jovens-e-adultos-a-luta-pelo-direito-a-aprendizagem#:~:text=A%20EJA%20registrou%20a%20queda,n%C3%A3o%20frequentam%20mais%20a%20escola.>

curriculares adequadas a sua realidade, que o motivassem e realmente incluíssem esses sujeitos e consequentemente ajudaria no combate a evasão escolar.

A EJA é considerada pela sociedade como uma modalidade marginal, ou seja, não considerada como prioridade quanto se destina os investimentos públicos, sendo muitas vezes esses sujeitos culpabilizados pelo fracasso escolar, não levando em consideração a condição que os levou a parar seus estudos no momento certo. Sendo oferecida de modo improvisado, sem parâmetros próprios para o seu desenvolvimento, inclusive na formação de professores que são os mesmos do ensino regular, não garantindo assim a formação específica com metodologias inadequadas.

Com a pandemia o que já era difícil ficou ainda mais, com uma evasão ainda maior com o aumento das dificuldades já presentes na modalidade e outras trazidas por esse momento pandêmico. Além disso, nossa sociedade faz uma organização escolar marcada por critérios seletivos e baseada em uma linearidade do ensino em que os estudantes recebem classificações de acordo com o seu desempenho. Esta concepção se repete em toda a engrenagem educacional, principalmente quando se trata por exemplo do material didático que é pensado e produzido sem a devida conexão com a realidade do estudante, no planejamento das aulas e consequentemente no conteúdo curricular, ou seja, o aluno que não se enquadra nestes critérios, não se sentindo parte integrante da escola por ter falhado e na maior parte dos casos levando a desistir de concluir seus estudos, aumentando assim a evasão escolar. Esse não reconhecimento dessas diferenças entre os sujeitos da EJA da rede pública, que na sua grande maioria são trabalhadores desempregados, donas de casa, idosos, jovens, portadores de deficiências especiais, que têm diferentes culturas, crenças, etnias e faz com que se aprofunda ainda mais as desigualdades educacionais em vez de combatê-las.

Nesse momento em que o mundo passa por transformações em todos os setores da sociedade devido à pandemia, com a globalização essas desigualdades sociais e econômicas de diversos tipos no Brasil ficaram mais evidentes, ampliando as diferenças de qualidade de vida e acesso aos direitos das pessoas mais vulneráveis. O sistema educacional brasileiro escancarou esse problema e aumentou os desafios enfrentados pelos sujeitos que por vários fatores como questões raciais, renda familiar, já tinham um dilema, ou seja, tendo que escolher entre o estudo e o sustento da família, o que ficará em primeiro lugar nas suas prioridades. Esse sistema faz com que essa situação cause a reprodução de diversas desigualdades já existentes antes da pandemia. A EJA de acordo com Gouveia e Silva (2015, p.751)

[...] é uma maneira de resgatar uma dívida do sistema com a população em geral. Essas dívidas se encontram dentro e fora do ambiente escolar. Dívidas sociais como a necessidade dos jovens de trabalhar cada vez mais cedo para sustentar a família e as dívidas pedagógicas, pois percebe-se também um afastamento dos alunos devido às falhas em um processo educacional que muitas vezes se mostra discriminatório e incapaz de envolver o indivíduo de maneira que este se perceba parte do processo ensino-aprendizagem.

Dessa forma muitos retornam ao ambiente escolar por perceber as exigências, principalmente no setor trabalhista e dificuldades que estão ao seu redor, vão percebendo que para terem um futuro melhor para ele e sua família, precisarão continuar seus estudos. É de extrema importância para que essa inclusão e esse acolhimento realmente tenham sucesso, o professor terá que fazer seu planejamento levando em consideração conteúdos que promovam a sua alfabetização e que ele seja motivado a continuar seus estudos.

Na Paraíba², de acordo com o governo do estado, 460 (quatrocentos e sessenta) Escolas Estaduais ofertam a modalidade EJA, sendo nove escolas destinadas para o curso EJA semipresencial, que são divididas em seis Gerências Regionais de Ensino, incluindo a de João Pessoa e para que todos tivessem oportunidade de concluir os estudos no Ensino Fundamental e Ensino Médio foi ofertado à modalidade em três formatos: Presencial, Semipresencial e Prisional. No ano de 2019 foram matriculados aproximadamente 5.103 (cinco mil cento e três) alunos nesse formato de curso, numa tentativa de evitar o risco de evasão escolar e precisando ser adaptada de forma remota para isso e essas aulas acontecem pelo *Google Classroom*, TV Paraíba Educa, Aplicativo Paraíba Educa, redes sociais e entrega de atividades impressas que também fazem parte da realidade de ensino para os alunos da EJA.

Além do Governo Estadual, durante a pandemia no que se refere a medidas de continuação da educação, a Prefeitura Municipal da cidade de João Pessoa³ se destacou entre as capitais brasileiras como ágil no oferecimento das plataformas digitais para o ensino a distância e no oferecimento do maior número de ferramentas para garantir apoio pedagógico aos estudantes no período de recesso.

A plataforma adotada pela Prefeitura Municipal de João Pessoa foi a “Conexão EscoLar”, onde os alunos tinham acesso as atividades e vídeos pedagógicos de forma online, sendo um sistema de ensino regulamentado pelo Conselho Municipal de Educação de João Pessoa, adotaram também múltiplas ferramentas, ou seja, utilizaram na realização de aulas e programas educativos no rádio, televisão ou internet; sendo orientados pelos professores à

² Educação de Jovens e Adultos abre matrículas para aulas remotas. Publicado: 14 set. 2020 <https://www.catedraunescojea.com.br/noticia-105-educacao-de-jovens-e-adultos-abre-matriculas-para-aulas-remotas.html>

³ ARAÚJO, Artur. João pessoa se destaca nacionalmente por medidas para a educação durante a pandemia. 2020. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/joaopessoa-se-destaca-nacionalmente-por-medidas-para-a-educacao-durante-a-pandemia/>

distância; oferecendo o material de estudo em formato digital e a entrega de material físico. Os alunos da EJA tiveram acesso aos professores e atividades por meio das plataformas do *Google Class Room* e *Google Forms* e *WhatsApp*. Além da parte pedagógica, lançou também o projeto “Escuta Solidária” garantindo apoio psicológico e emocional no período de isolamento social na pandemia às famílias e às crianças, ajudando nesse momento difícil de mudança nas rotinas e trabalhando seus medos, ansiedade e inseguranças.

De acordo com a Resolução nº 030/2016 no seu Capítulo I, Art. 2º, parágrafo único:

A EJA deverá levar em consideração às condições sociais e econômicas, o perfil cultural e os conhecimentos dos (as) estudantes, com vistas ao Exercício da cidadania, à formação para o mundo do trabalho e ao longo da vida, conforme os princípios estabelecidos no art. 3º da Lei nº 9.394/96 (LDB).

Nessa perspectiva, todas as condições teriam que ser ofertadas para que esses sujeitos tivessem seus direitos respeitados para a sua formação e suas particularidades sendo atendidas da melhor forma possível, mas de acordo com a realidade o ensino presencial desses alunos que já era difícil, no qual muitas vezes o aluno adulto se depara com uma sala que não é estruturada para sua faixa etária, passando por constrangimento e não podendo ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa, seu ritmo é outro, o processo com tempo acelerado para concluir devido às circunstâncias e procurando se qualificar, ou seja, quer ao mesmo tempo ver a aplicação imediata do que aprende, se encontrando temeroso, precisando ser estimulado a criar autoestima, tendo vergonha de falar de si e de sua vida, sendo o primeiro direito do alfabetizando é de se expressar, embora não tenha sido incorporado esse princípio nas nossas metodologias.

Dessa forma infelizmente, eles não são respeitados na maioria das escolas do nosso país, como foi exposto anteriormente, muitas vezes são recebidos em ambientes com características infantis, usando materiais que não condizem com sua faixa etária; e provavelmente, produzindo situações de “constrangimento” e dúvidas com relação ao processo de ensino e aprendizagem.

Sobre essa questão, Streck et al. (2014, p.185) entendem que a EJA: “[...] é um modo de fazer educação diferente da Educação Infantil, por exemplo. Uma forma de fazer educação que respeite, pedagogicamente, socialmente, culturalmente e politicamente as características próprias dos estudantes da EJA”. Por essa razão as atividades não podem ser infantilizadas, mas contextualizadas, respeitando esses sujeitos que já trazem uma bagagem das suas vivências para a sala de aula, querendo aprender algo que tenha significado para sua vida.

De acordo com Freire (2011, p.59)

Como um ato de conhecimento, o processo de alfabetização implica a existência de dois contextos dialeticamente relacionados. Um é o contexto do autêntico diálogo entre educadores e educandos, enquanto sujeitos de conhecimento. É o contexto teórico. O outro é o contexto concreto, em que os fatos se dão — a realidade social em que se encontram os alfabetizandos.

Assim sendo, para tornar esse processo significativo é necessário fazer uma ligação entre as experiências vividas, ou seja, tem que haver uma interação entre os dois contextos para que isso aconteça.

A preservação da identidade cultural do educando pelo professor é muito importante e de acordo com Freire (1996, p. 23):

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é um problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isso que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo.

Para que esse processo tenha um significado para esse educando é preciso que o professor o incentive entrando a fundo na realidade dele, para que ele perceba que o professor esteja ali para auxiliá-lo, buscando conteúdos que o motivem, mesmo com o cansaço do dia a dia, o tempo reduzido para estudar.

Paulo Freire reafirma que a palavra na alfabetização não pode ser algo estático ou estar desconectado da realidade do educando, mas que ele gire em torno do seu mundo, fazendo parte do seu cotidiano, descobrindo assim que elas se tornem significativas as suas possibilidades de combinações, compondo suas próprias palavras, ampliando seu repertório e desenvolvendo sua capacidade de criação.

Mas as dificuldades começam pelo fato de que os sujeitos da EJA se encontram desamparados, principalmente no que se refere ao acesso às aulas remotas pela falta de dispositivos eletrônicos e internet banda larga e por ser um direito a educação deve ser de qualidade, em todos os aspectos, com suportes adequados nas escolas e entre outros procedimentos necessários para esse fim. Constatamos que essas tecnologias farão cada vez mais parte do nosso cotidiano, principalmente nas escolas, sendo necessária a atenção e a conscientização do poder público para melhorar essa realidade vivida durante esse período pandêmico, na qual a pandemia vem se somar a essa desigualdade social que perpassa os sujeitos da EJA, escancarando as dificuldades que já eram conhecidas, mas muitas vezes

ficavam invisíveis e durante a pandemia foram mostradas outras ainda mais graves desse contexto de vulnerabilidade social.

De acordo com Salles⁴ (2020), presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) afirma em uma entrevista que:

Segundo uma pesquisa feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), em 2018, 58% dos domicílios no Brasil não têm computadores e 33% não possuem internet. “A desigualdade é muito forte. Desigualdade de recursos, de condição para estudar, de tempo, dedicação. Tudo isso, é claro, afeta a educação [...]”

A pesquisa revela que no ano de 2018 a desigualdade na educação já era grave, imagine durante o período da pandemia, com o aumento do desemprego entre outros problemas essa situação agravou muito. Outro ponto preocupante é que a quantidade de mulheres jovens, que não conseguiram concluir seus estudos devido a ter que desempenhar as tarefas domésticas ou cuidar de filhos e maridos é superior à dos homens nessas atividades, convivendo ou conviveram com a violência doméstica, tendo sobrecarga de papéis assumidos por elas levando às dificuldades sociais e econômicas, deixando visível sua condição feminina de vulnerabilidade social, econômica e emocional, com gravidez precoce tendo muitas vezes de levar seus filhos para sala de aula por não ter com quem deixar, ou seja, essas desigualdades também envolvem as questões de gênero e identidade. Por esse motivo, sendo um obstáculo para continuação ou recomeço dos estudos, dificultando a permanência delas na escola.

A exclusão digital dessa parcela de estudantes, que anseiam continuar seus estudos, é um dos principais obstáculos, podendo ser divididas em níveis de acordo com:

Segundo o Núcleo Gestor da Internet no Brasil, é possível distinguir dois níveis de exclusão digital, o primeiro tem relação com o acesso, e as variáveis mais importantes na determinação de desigualdades neste quesito são pobreza, renda familiar e idade. Por outro lado, no segundo nível, relacionado ao uso mais qualificado, fatores socioculturais relativos à etnia, ao gênero e ao grau de instrução estão mais fortemente relacionados com desigualdades em termos de habilidades e usos das TICs. [...] (CUNHA et al., 2020, p.33)

Acrescentado ao problema de exclusão digital durante o isolamento social, podemos citar também a dificuldade no fornecimento de material impresso, que por conta do período ficou quase que impossível, pelo receio da exposição ao contágio no deslocamento para obtê-

⁴ [Entrevista concedida a] Caroline Oliveira por João Carlos Salles. ANDIFES). **Jornal Brasil de Fato**. São Paulo. jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/04/com-aulas-remotas-pandemia-escancara-desigualdade-no-acesso-a-educacao-de-qualidade>.

lo. Essa diferenciação por níveis feito através de pesquisas durante a pandemia tem sua importância pelo seu conhecimento e pelo que poderá ser feito para melhorar a vida desses estudantes, além de ser muito importante que políticas públicas busquem fazer a inclusão dos alunos da EJA e garantir o direito à educação.

Segundo Silva e Barbosa (2022, p.17) ressaltam:

[...] para isso, a necessidade de se promover a verdadeira inclusão digital dos estudantes da EJA em todas as fases da escolaridade, o que só pode acontecer com um governo comprometido com a educação e com a efetivação dos direitos humanos, implementando políticas públicas que venham possibilitar a educação mediada por tecnologia digitais, por compreendê-las como um recurso a mais no processo de ensino e de aprendizagem.

Ainda evidenciam que nesta implementação e investimentos tem que fazer parte a formação docente, pelas dificuldades que os professores tiveram para se adaptar às novas formas de ensino.

A modalidade da Educação de Jovens e Adultos por ter suas especificidades requer uma abordagem e métodos de ensino diferenciados dos utilizados no ensino de crianças e adolescentes e um dos pontos principais que dificultam esse processo de escolarização, além dos problemas sociais e econômicos, está no fato de que os educadores não têm uma formação inicial que os prepare de forma condizente para atender esses sujeitos e suas particularidades. Conforme afirma:

Especialistas [...] nessa área são unânimes em apontar alguns problemas com relação a essa modalidade de ensino, a começar pelo currículo, que muitas vezes é uma adaptação dos conteúdos do ensino fundamental, a formação inadequada dos professores, a convocação de voluntários ou que não tem uma preparação prévia para alfabetizar a jovens e adultos. (LIRA; SILVA; SANTIAGO, 2015, p.2)

Essa formação deveria ser contínua para estar sempre acompanhando as modificações necessárias a essa modalidade. O educador precisa ir além da transmissão de conteúdos e tornar-se aluno reflexivo e autônomo, precisa planejar aulas tendo uma visão mais ampla do que pode fazer para modificar sua realidade para melhor, pensando também na coletividade. Seu papel nesse processo de planejamento do seu trabalho docente é fundamental porque isso poderá acarretar a possibilidade da contribuição para formação dos seus alunos de forma positiva ou negativa, evitando assim a evasão escolar.

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos representa a possibilidade de escolarização para inúmeras pessoas que por diversas razões já descritas, foram forçadas a interromper ou não puderam frequentar espaços escolares durante a sua vida (infância e a adolescência), por

sua importância devemos considerá-la, enquanto um espaço de desenvolvimento e cidadania, necessário e fundamental que se conheça e entenda quem é o profissional que atua nesta modalidade, suas perspectivas sobre este espaço e as características de sua formação.

Um dos grandes desafios enfrentados pela Educação de Jovens e Adultos no município de João Pessoa e possivelmente, em todo o país, é o índice altíssimo de evasão escolar. Esse fato fica visível quando foram observados durante o estágio supervisionado na Escola Municipal de Ensino Fundamental que o número de estudantes matriculados e os que frequentam as aulas do Ciclo I (Alfabetização) com uma certa regularidade é muito diferente, confirmado pelo relato da professora da Turma da EJA. Na turma em que vivenciamos o período de estágio, por exemplo, dos 20 (vinte) alunos matriculados, ficavam frequentando as aulas entre 7 (sete) ou no mínimo 3 (três) estudantes.

Muitas vezes esse insucesso dos estudantes é também creditado aos professores da EJA, visto que depende de outras questões relacionadas, principalmente, capacitação e condições dignas de trabalho, mas essa evasão ocorre por uma série de motivos associados que dificultam a permanência dos estudantes nesse processo.

De acordo com Cunha et al. (2020, p.32) “Dados do IBGE mostram que a evasão e o atraso escolar têm relação direta com a condição socioeconômica, atingindo a população mais pobre em até oito vezes mais que o estrato mais rico [...]”. Afetando com essas interrupções uma parcela que frequentemente está entre jovens na faixa etária de 15 a 17 anos na sua escolarização e que estão, principalmente, no Ensino Médio, ou seja, que possuem idade superior à idade recomendada para a série frequentada.

Um dos desafios para os professores desta modalidade é que devem explorar toda a bagagem que alunos trazem, estimulando sempre o diálogo, trocando ideias, promovendo discussões, contribuindo para que seus alunos tenham uma elevação da autoestima, porque muitas vezes sofrem com um sentimento de fracasso pessoal pelo tempo perdido na vida, de acordo com alguns relatos de estudantes, principalmente adultos e idosos. Nesse contexto em que o modelo educacional tem um discurso de inclusão, o professor pode fazer a diferença com o seu trabalho, sendo um formador de sujeitos críticos e reflexivos da sua realidade de forma a romper com esse ciclo de exclusão educacional na EJA, consequentemente fazendo com que ele perceba que pode construir seu próprio conhecimento.

O conhecimento do perfil desse aluno da EJA é uma necessidade para que ele possa descobrir a história e suas especificidades, planeje suas ações de modo que consiga motivá-lo e seu aprendizado seja significativo e principalmente o tire de uma exclusão social que perdura durante muito tempo em nossa sociedade.

Enquanto estagiárias enfrentamos também as incertezas e receios do momento difícil que é e continua sendo a pandemia da COVID-19, porque passamos por todas as dificuldades que a sociedade de uma maneira geral passa, com dificuldades de comunicação, emocionais e financeiras. Mas durante o período de retorno fomos tendo a real noção da importância do estágio para a nossa formação acadêmica, nas observações na Educação de jovens e Adultos, constatamos que os professores que atuam nessa modalidade de ensino são os mesmos que atuam no ensino regular e que a metodologia utilizada também é a mesma que é usada no ensino regular, ou seja, mostrando que para que esse aprendizado aconteça é necessário conhecer o perfil do aluno da EJA. A percepção que se tem que a mudança é difícil, mas não é impossível, através de relatos e exemplos de professores e ex-estagiárias, casos de sucesso nesse ensino e aprendizagem requerem um comprometimento por parte de todos os envolvidos nesse processo.

2.2 O Estágio Supervisionado e a formação de professores para EJA

O estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório desde 1996 de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), em seu Art. 61, inciso II, onde agrega os conteúdos teóricos e as práticas como obrigatoriedade na sua formação acadêmica (Brasil, 1996) e por isso possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências, permitindo que ajuste a prática profissional, adequando assim sua atuação ao longo desse processo de formação e construindo sua identidade docente durante todo o trajeto da sua experiência do ensino, possibilitando as escolhas e propósitos da profissão escolhida. Mas para que possa exercer sua prática é necessário que tenha conhecimentos necessários para tal treinamento, demonstrando a importância de ter embasamento teórico e unindo com a prática para fazer essa complementação.

De acordo com Pimenta e Lima (2004, p.61) o Estágio Curricular Supervisionado é como “[...] campo de conhecimentos e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício docente”.

Conforme as mesmas autoras, reforçam que:

Aprender a profissão docente no decorrer do estágio supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade. Onde a escola está situada? Como são seus alunos? Onde moram? Como é a comunidade, as ruas, as casas que perfazem as adjacências da escola? Que fatores explicam a constituição dessa escola e dessa comunidade? Quais seus

problemas e características e como interpenetram na vida escolar? Quais os determinantes históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais dessa realidade? (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 111)

Mostrando que o estágio supervisionado tem grande importância no início da formação docente, pelo contato direto que os discentes têm com a realidade escolar, levando a vivenciarem esse processo de ensino e aprendizagem sob uma ótica diferente, quer dizer, não como discente, mas como docente. Nessa perspectiva:

[...] o olhar atento do estagiário, a disponibilidade de dialogar com o que a profissão docente tem a dizer e a abertura para o diálogo pedagógico atendem ao que dispõe a legislação federal sobre o Estágio Supervisionado, quando afirma que este é um momento de formação profissional, seja pelo exercício in loco, seja pela presença participativa em ambientes próprios daquela área profissional [...] (LIMA, 2012, p. 43)

Na aproximação do discente à realidade educacional na rede pública municipal de uma turma da EJA, permite uma reflexão sobre as propostas de ações pedagógicas para essa modalidade de ensino, levando em consideração o contexto dos sujeitos envolvidos, como gestão, estudantes, professores, ou seja, toda a comunidade escolar. Sendo importante para elaboração dessas ações as etapas fundamentais do estágio supervisionado como a observação, participação e regências, por meio dessas informações elaboramos o nosso projeto didático de maneira que ele seja significativo para aprendizagem tanto dos estudantes como das estagiárias que estão em fase de formação.

A passagem pelos estágios supervisionados durante a formação acadêmica agregou um conhecimento que até então tínhamos somente na teoria e a prática mostra o que de fato acontece dentro da escola, numa visão como aluna de ver a dificuldade que os professores e professoras passam todos os dias, para dar conta dos seus planejamentos e percebemos durante a preparação das nossas regências que todos os detalhes colhidos durante todo o processo são importantes para o sucesso da aprendizagem dos estudantes.

Durante as orientações para o estágio tivemos o prazer de receber algumas professoras e ex-estagiárias que contaram suas histórias de vida e seus desafios durante os seus estágios, tendo o incentivo de suas famílias para prosseguir na sua formação docente e nos relatando suas experiências no contato com os alunos da EJA. Segundo suas observações, constataram que há uma descrença de que o adulto possa aprender, mas não falta força de vontade por parte deles para continuar seus estudos, o que falta é o incentivo e o respeito a esse indivíduo que tem o direito a educação e que luta para concluir seus estudos para melhorar a sua vida e da sua família, eles relataram ter esperança de conseguir alcançar o seu objetivo que é ler e

escrever e descrevendo os vários obstáculos enfrentados no horário da aula, como bibliotecas que não funcionam no período da noite, dificultando a realização de uma pesquisa, muitas escolas não fornecem merenda, ter que sair mais cedo por causa da insegurança do local, entre outros, por isso, esse quadro requer um olhar diferenciado dos gestores do nosso país na formulação de políticas públicas que levem em consideração as especificidades desses sujeitos e fazendo que seus direitos realmente sejam respeitados.

Como futuros docentes devemos respeitar suas histórias, aprender com os conhecimentos deles, ser solidários com eles, tendo boa vontade, entendendo que são sujeitos com direitos e que eles têm capacidade de ir além, que devemos lutar para poder modificar essa situação e principalmente com nossa metodologia fazer com que esse aprendizado seja prazeroso, interessante e motivador.

Segundo Guimarães (2004, Apud, PIMENTA e LIMA, 2012, p. 64) “[...] os cursos de formação podem ter importante papel nessa construção ou fortalecimento da identidade à medida que possibilitam a reflexão e a análise crítica das diversas representações sociais historicamente construídas e praticadas na profissão.”

2.2.1 A prática educativa na Educação de Jovens e Adultos

Nesse cenário difícil da pandemia com a continuação da formação acadêmica, foi nos oferecido o ensino educacional no formato de ensino híbrido, com as orientações de modo virtual e o estágio na escola de modo presencial, cursando assim o componente curricular de Estágio Supervisionado numa escola municipal na turma do Ciclo I da Educação de Jovens e Adultos.

A EJA, como uma prática educativa, surge com os Movimentos de Educação Popular, com organizações de trabalhadores articulados a movimentos ligados à igreja, a movimentos de estudantes, governo municipal e governo federal. Visto que são sujeitos que necessitam de um olhar diferenciado em relação às metodologias educativas que devem estar voltadas para atender suas necessidades de aprendizagem de uma forma mais humanizada e com práticas de inclusão, já que não conseguiram concluir seus estudos no ensino regular da educação básica e principalmente nesta prática deve-se levar em consideração o contexto que o estudante está inserido e de acordo com Paulo Freire (2003, p. 85):

Somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local, vivendo as suas circunstâncias, integrada com os problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas de contexto. À

intimidade com eles. A pesquisa em vez de mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida.

Esse pensamento do autor demonstra que para que esse estudante consiga ser um indivíduo autônomo, crítico e reflexivo sobre a sua realidade e assim transformá-la, será necessário dar condições para que isso aconteça. A educação popular traz reflexões e para que essa transformação aconteça, será necessário estimular o indivíduo a assumir posicionamentos críticos diante das situações que se apresentarem e uma postura de não submissão às classes mais abastadas da sociedade. Essencial na formação do professor que ele deve superar na sua prática docente a ideia de que nada pode ser modificado e se pautar no respeito à dignidade e na autonomia do estudante, no compromisso como práxis (ação e reflexão da realidade). E nessa construção dessa nova percepção de acordo com Stivanin (2007, p.58):

O cotidiano vivido pelas estagiárias é constituído de experiências significativas, singulares, dinâmicas e desafiadoras, mediadas pela dimensão simbólica construída em cada uma dessas experiências, o que possibilita que as estagiárias se relacionem de diferentes formas com essas vivências.

O estágio é a oportunidade das estagiárias de aprender e refletir sobre o contexto educativo, contribuindo com estas experiências para a sua formação e crescimento profissional, rompendo com os significados estabelecidos e criando novos significados, porque durante o processo vai conseguindo repensar a construção do conhecimento, fazendo adaptações na sua realidade de modo que consiga transformá-la da melhor maneira possível. Segundo Freire a prática educativa tem que ser reconhecida:

[...] como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização. (FREIRE, 2001, p. 16)

O autor faz uma provocação para que se possa refletir sobre a nossa prática educativa em todo o processo, ou seja, do início ou fim, quando organizamos e planejamos as aulas, a escolha dos conteúdos que devem fazer uma relação entre a realidade dos alunos e mudanças curriculares adaptadas aos diferentes contextos. Na sua prática pedagógica o professor ao identificar a existência de dificuldades na aprendizagem do aluno da EJA, nesse acompanhamento do seu desempenho, vai fazendo adaptações curriculares, devendo levar em consideração os elementos que correspondem às necessidades e interesses dos alunos nesta modalidade de ensino.

Nessa prática educativa durante o estágio supervisionado em Educação Infantil tivemos conhecimento que não deveríamos usar termos como “alunos e “estudantes”, porque eles são crianças, no que diz respeito à faixa etária, devem ser tratadas como tal e solicitam ações pedagógicas específicas para a idade em que se encontram, essa orientação foi interessante porque causou uma reflexão quando chegamos na estágio na Educação de Jovens e Adultos, já que não tem suas especificidades respeitadas e muitas vezes sofrem uma infantilização, tanto nessas ações pedagógicas como estruturais dentro da escola.

A pandemia vem aumentando as dificuldades de aprendizagem daqueles que não conseguiam aprender no decorrer do período letivo regular, ou seja, os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, enquanto exige uma postura de um novo educador, que precisou se reinventar, adaptando-se às novas tecnologias, novas metodologias, modificando-se. É preciso estabelecer aprendizagens diferentes para educandos com níveis diferentes de aprendizado, desenvolvendo empatia deles e sendo tolerantes em relação aos conteúdos e prazos a serem cumpridos no ano letivo, observando assim os que necessitam um maior apoio pedagógico, pensando atividades motivadoras, tendo como principal ponto a aprendizagem, desenvolvendo assim as habilidades de acordo com a BNCC, levando em consideração a realidade dos alunos e professores, criando estratégias para ajudar na recuperação da aprendizagem e na avaliação.

3 CENÁRIO DE PESQUISA E METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa apresentará os desafios enfrentados pelas estagiárias no campo de estágio em Educação de Jovens e Adultos durante o período da pandemia para continuar seus estudos no modo híbrido, ou seja, remotamente com as orientações e presencialmente nas escolas municipais, a abordagem da pesquisa que será utilizada é a qualitativa, onde será realizada por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de campo. De acordo com Minayo (2001, p.21):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa agrupa significado e intencionalidade à ação, às relações e às estruturas sociais pesquisadas, ocupando a centralidade neste tipo de pesquisa. A fala do sujeito social expressa o discurso de muitos sujeitos individuais.

A classificação da pesquisa quanto aos seus objetivos, se divide em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas. A opção que mais se aproximou ao tipo de estudo deste trabalho foi a exploratória que tem como objetivo descrever as características de um fenômeno, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados. Foi realizada uma pesquisa de campo através de questionários com o objetivo de conhecer os desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID – 19 na EJA, identificar esses desafios enfrentados pelas estagiárias durante o período da pandemia e refletir sobre esse contexto da Educação de Jovens e Adultos.

Para Malhotra (2001, p.106), a pesquisa exploratória “é um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação-problema enfrentada pelo pesquisador e sua compreensão” e segundo Vergara (1991, p.44) “pesquisa de campo é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo”.

3.1 Cenário da pesquisa

O curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba tem como eixos básicos a relação teoria e prática na integração do saber e do fazer, em que a pesquisa e a prática pedagógica se constituem elementos orientadores e integradores de outros componentes

curriculares, disponibilizando diversas oportunidades para o exercício da docência inserindo os discentes no contexto em que atuarão profissionalmente, entre eles está o estágio curricular supervisionado, que poderá ser realizado em ambientes escolares e/ou não-escolares.

Nesta perspectiva, o estágio supervisionado assume uma importância por permitir uma visão global de ambientes escolares e/ou não escolares, pressupõe atividades pedagógicas efetivadas em um ambiente institucional de trabalho, estabelecendo uma interação entre um docente experiente e o aluno estagiário, com a mediação de um professor orientador acadêmico. O estágio deve proporcionar ao estagiário uma reflexão contextualizada, por meio dessa vivência na instituição de ensino e norteadas pelo projeto pedagógico da instituição formadora e da unidade campo de estágio. O curso oferece áreas de aprofundamento que o aluno deverá cursar no último período. São elas: Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Normal, Magistério em Educação Especial, Magistério em Educação de Jovens e Adultos.

A criação da área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos foi considerada como necessidade por exigências colocadas pelo processo de transformação social e contribuir para o reconhecimento do adulto como sujeito histórico deste processo e também justificada pela consolidação dos movimentos populares no campo e na cidade, principalmente na Paraíba, juntamente com o desenvolvimento de experiências educativas com adultos. Além disso, uma demanda crescente pela carência de agentes e técnicos educacionais com formação específica para lidar com a educação dos adultos em todos os setores da educação na sociedade. Durante a pandemia foi ofertada às estagiárias o ensino de formato híbrido, sendo a orientação de modo remoto e a parte prática de modo presencial para o componente curricular obrigatório de Estágio Supervisionado, de acordo com o PPC do curso de Pedagogia da UFPB (2006), na área de aprofundamento em Magistério em Educação de Jovens e Adultos.

O Estágio Supervisionado implicou em atividades pedagógicas realizadas em um ambiente escolar da rede pública municipal de João Pessoa, estabelecendo uma relação entre instituições de ensino, universidade e escola, e também entre estagiários e a professora supervisora, com mediação de uma docente orientadora acadêmica, proporcionando uma reflexão e um conhecimento ao estagiário do contexto onde atuará por meio da vivência na instituição do campo de estágio e norteadas pelas orientações da instituição formadora.

3.2 Sujeitos da pesquisa

No presente estudo participaram oito (8) estagiárias, discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - Campus I, cuja seleção dos sujeitos aconteceu a partir das que cursaram o componente curricular de Estágio Supervisionado V na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no formato de ensino híbrido (modo presencial nas instituições de ensino e modo remoto nas orientações do estágio) no período letivo de 2021.2 durante a pandemia da COVID-19, onde foram coletados dados de uma amostra de oito estagiárias do período noturno que responderam às questões formuladas. Os sujeitos desta pesquisa serão identificados como E1, E2 e sucessivamente até chegar na estagiária E8 (oito).

3.3 Instrumentos da pesquisa

A pesquisa caracteriza-se pela aplicação de questionário no formato *Google Forms* respondidas por 08 (oito) participantes que cursaram o componente acima citado no formato de ensino híbrido no período pandêmico da COVID 19.

Segundo Gil (2008, p. 121) define:

[...] questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

E de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 201) a definição de questionário como “[...] um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador [...]”.

A principal fonte de coleta de dados para análise desta pesquisa será feita através da aplicação de um questionário criado em formulário eletrônico na plataforma do *Google Forms* com 14 (quatorze) questões. Neste processo de coleta de dados, obtivemos um retorno de 08 estagiárias que responderam ao formulário que se iniciou de 21 de setembro a 23 de novembro/2022 onde enviamos o link do formulário *Google* através do *Whatsapp* e do endereço eletrônico. Após este processo de encaminhamento virtual, analisamos os retornos para estudo das categorias de análise através das respostas das estagiárias para esta pesquisa. (APÊNDICE B)

Quanto à forma, as questões utilizadas no questionário foram abertas, que são chamadas livres ou não limitadas, permitindo ao respondente se expressar livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões e questões fechadas ou dicotômicas, denominadas limitadas ou de alternativas fixas, que são aquelas que o informante escolhe sua resposta entre duas opções: sim e não, foram também utilizadas questões de múltipla escolha, abordando sobre as dificuldades encontradas pelas estagiárias nesse modo de ensino nesse período pandêmico.

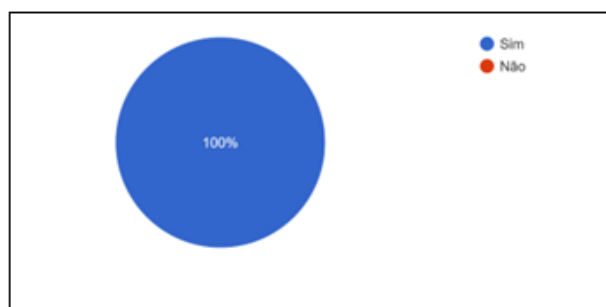
Além desse instrumento, foi utilizada a observação participante, enquanto estagiária do componente curricular Estágio Supervisionado V (EJA) no período de pandemia e no formato de ensino híbrido, pela UFPB, atuei com minhas observações e regências em uma turma do Ciclo I em uma escola municipal de João Pessoa/PB, significando de acordo com Gil (2002, p. 55) na sua descrição de pesquisa participativa como: “quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”, estabelecendo uma relação com os observados e nesse processo da realização desse contato direto obter informações sobre a realidade dos sujeitos da pesquisa em seus próprios contextos.

4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA EM PERÍODO DE PANDEMIA

No Estágio Supervisionado V, do curso de Licenciatura em pedagogia da UFPB, as estagiárias tiveram a oportunidade de vivenciar as práticas de sala de aula da EJA na rede municipal de educação em João Pessoa/PB, com atividades de observação, participação e regência que foram desenvolvidas no momento difícil da pandemia em nosso país, com o retorno gradual ao modo presencial e tendo a complementação e orientação de modo remoto. Levando em conta esse contexto escolar e as experiências com essas turmas, podemos refletir e destacar a importância de adaptarmos nossas futuras ações docentes com metodologias que busquem representar uma aprendizagem significativa para os sujeitos da EJA. Sendo necessário passar por essas experiências, vivenciando esse período importante da formação docente.

4.1 Participação na orientação para estágio

Gráfico 1: Experiências das estagiárias e o ensino híbrido

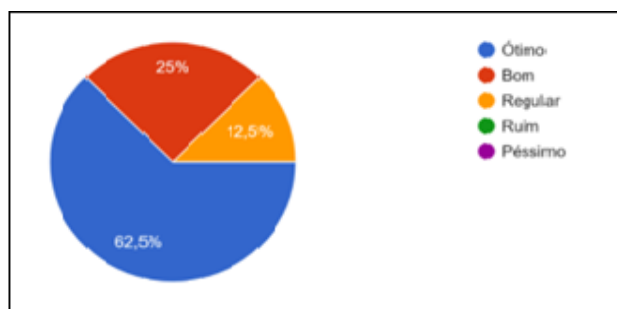


Fonte: elaborada pela pesquisadora

De acordo com o gráfico acima, 100% das participantes conseguiram acompanhar as aulas on-line da orientadora do estágio da EJA durante a proposta híbrida de estágio supervisionado e concordaram em participar da pesquisa (APÊNDICE A). Embora com todas as dificuldades de conectividade, falta de experiência no uso dos equipamentos tecnológicos e plataformas de ensino, dificuldades financeiras, problemas estruturais nos campos de estágio durante esse período, conseguiram com muita perseverança e determinação completar todas as etapas do componente curricular indispensável para sua formação acadêmica, mas também sendo mencionada a importância do apoio com as orientações por parte da docente orientadora do estágio.

4.2 Acolhimento na escola (Gestor, Supervisor, Estudante)

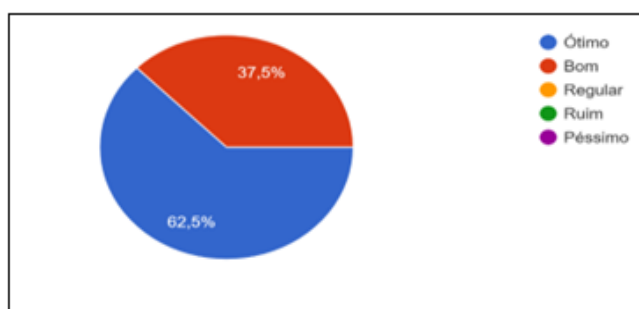
Gráfico 2 - Acolhimento por parte da gestão.



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas neste período de formação, no que se refere ao acolhimento que as estagiárias tiveram na instituição de ensino a que foram designadas como campo de estágio, como mostra o Gráfico 2 que 62,5% foram muito bem recebidas por parte dos gestores da escola, tendo 25% um acolhimento bom, e 12,5% um acolhimento regular.

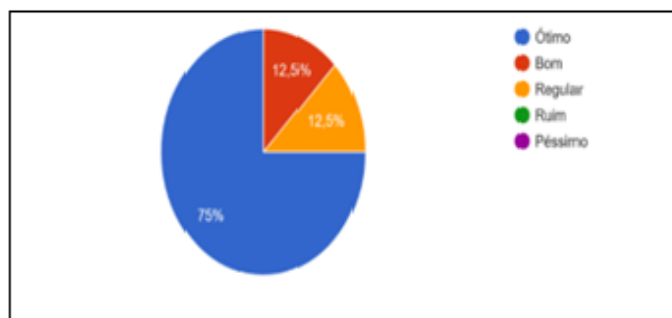
Gráfico 3 - Acolhimento por parte das professoras supervisoras.



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No gráfico 3 mostra que 62,5% das professoras supervisoras receberam muito bem as estagiárias, enquanto 37,5% delas deram um bom acolhimento. Embora durante a nossa orientação em todos os estágios, somos informadas que algumas professoras têm um certo receio de acompanhar as estagiárias nesse processo de aprendizagem, pela desconfiança de que estaríamos ali para apontar os seus erros ou julgar o seu trabalho, mas quanto a esse acolhimento por parte delas mostra que não tiveram problemas maiores com a aceitação dessa supervisão por parte das professoras das instituições.

Gráfico 4 - Acolhimento por parte dos estudantes da EJA



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O quadro muda um pouco, quando observamos o gráfico 4 nos mostra que 75% dos estudantes deram um ótimo acolhimento às estagiárias, ficando em 12,5% para bom e 12,5% para regular, demonstrando que para alguns estudantes se torna um pouco difícil confiar em pessoas estranhas ao seu ambiente escolar, inclusive durante as nossas regências, conforme relatos das participantes, alguns estudantes mostraram grande resistência em fazer certas atividades propostas por algumas estagiárias quando eram solicitados, alguns se recusaram a participar, mas outros participavam de maneira muito entusiasmada, demonstrando vontade de aprender.

A forma de organização da educação brasileira, principalmente a pública, em parte, não considera as peculiaridades dos estudantes e por esse motivo os estudantes da EJA, não se empolgam tanto em ver futuros professores, que como eles agora são estudantes em fase de formação, porque não veem de forma efetiva a melhora da realidade deles e conforme Cunha *et. al* (2020, p. 35):

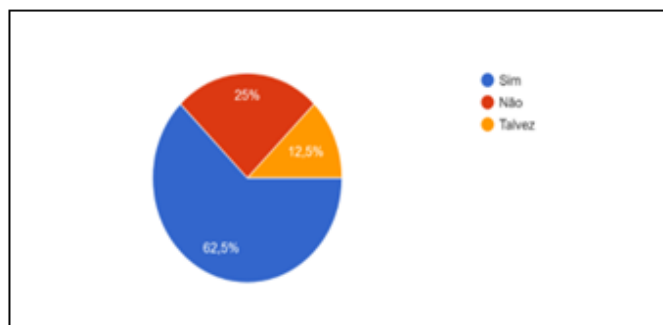
[...] as múltiplas realidades e contextos do país foram considerados parcialmente, consideramos que tal organização do ensino brasileiro é excludente e agrava a qualidade da educação pública e a desigualdade educacional, em razão de não garantir a aprendizagem, a qualidade e o direito e/ou a igualdade de acesso à educação para todos os estudantes.

Essa organização educacional que se desenvolve através de um conjunto organizado de estruturas e de ações diversificadas, por iniciativa e sob a responsabilidade de diferentes instituições e entidades, públicas e privadas, tendo o Estado o dever de garantir, na rede pública, em todas as etapas da educação básica o atendimento ao estudante, ofertando de forma gratuita para todos e inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria, como no caso dos estudantes da EJA, tendo também responsabilidade de considerar essas especificidades para um melhor planejamento das políticas públicas para atender as necessidades desses sujeitos e de todos que fazem parte dessa estrutura.

Ainda que essa modalidade de ensino seja as vezes deixada de lado nessa organização, não se pode generalizar, pois há várias experiências em que escolas e profissionais vem se preocupando justamente em valorizar essas distinções para que se possa melhorar seu planejamento e execução das ações pedagógicas, como observadas pelos relatos de ex-estagiárias e docentes com atitudes criativas na sua prática pedagógica e o Estado tem que dar suporte e apoio para essa concretização.

4.3 Execução da Proposta Didática.

Gráfico 5 - Execução da Proposta Didática



Fonte: elaborada pela pesquisadora

O gráfico 5 nos mostra que a maior parte das estagiárias tiveram êxito na execução das suas propostas didáticas, ou seja, 62,5% delas conseguiu pôr em prática suas propostas didáticas, onde 25% não conseguiram e 12,5% responderam que talvez, ou seja, não na sua totalidade do que foi planejado.

Os impactos da pandemia no ambiente escolar são preocupantes, principalmente nas escolas públicas brasileiras que não possuem os mesmos recursos das escolas privadas, pois a perda de aprendizagem foi devastadora por vários fatores e para que essa recuperação aconteça vai levar muito tempo e uma vontade de realmente pôr em práticas políticas públicas eficazes para que essa mudança aconteça.

Os motivos são variados que dificultam a realização da proposta didática e segundo alguns relatos apontam que a quantidade de alunos é insuficiente para realizar todo o planejamento, a infraestrutura da sala, a extensão do horário da aula fazendo com que alguns estudantes saíssem mais cedo pelo medo de assalto, motivo do transporte encerra mais cedo sua rota, falta de segurança por ser no horário noturno. Essas situações realmente dificultaram a execução do que havia sido planejado pelas estagiárias.

O importante é entender quem são esses sujeitos e seus contextos, para que essas dificuldades sejam minimizadas e a execução do planejamento pedagógico aconteça, mas segundo Arroyo (2005, p. 22) ele pondera que:

[...] a diversidade da EJA, tem permitido inovações, bem como a inserção de teorias e práticas pedagógicas que não tiveram boa aceitação no ensino regular, o que demonstra que a Educação de Jovens e Adultos vem caminhando rumo à um ensino transformador que ao mesmo tempo qualifica e emancipa, de caráter crítico, autônomo e progressista.

Os alunos da EJA são sujeitos que convivem e enfrentam preconceitos, críticas e discriminação, tanto na vida em sociedade como no contexto familiar, buscam a escola para satisfazer necessidades particulares, como melhorar sua qualidade de vida, se tornar independente nas ações do cotidiano sem necessitar de outro parente para auxiliá-lo, são na sua grande maioria trabalhadores, desempregados, donas de casa, pessoas de baixa renda que na pandemia foram os mais afetados economicamente, além disso na grande maioria são pais de família, que trabalham durante o dia, quando chegam na escola, muitas vezes se deparam com aulas cansativas, onde o professor apenas repassa o conteúdo de forma mecânica, não sendo interessante e nem motivador.

Esse contexto difícil e os desafios enfrentados por esses sujeitos que tentam o retorno aos estudos, já existiam e tiveram uma maior visibilidade durante o período de pandemia, momento que afetou toda sociedade e algumas dessas dificuldades foram observadas e relatadas pelas estagiárias na pesquisa:

• *“A turma a qual estagiei só tinha três alunos e em algumas regências só estava presente uma aluna.” (E1)*

• *“Infelizmente ocorreram algumas questões que limitaram a execução da proposta didática, como por exemplo, poucos alunos na turma o que comprometeu nas regências e problemas na infraestrutura da escola”. (E2)*

• *“Conseguí colocar em prática tudo que havia planejado, entretanto a única dificuldade que tive foi a extensão do horário da aula e com isso a redução do quantitativo de alunos, pois de 16 matriculados frequentavam apenas 12. 11.10. 9..” (E3)*

• *“Porque conseguimos apesar das dificuldades colocar em prática tudo que foi proposto.” (E4)*

- *“Grande parte dos sujeitos da turma tinha dificuldades com assiduidade. Devido a isso a proposta didática planejada para 3 dias foi concluída em 5 dias, visando a participação de todos.”* (E7)

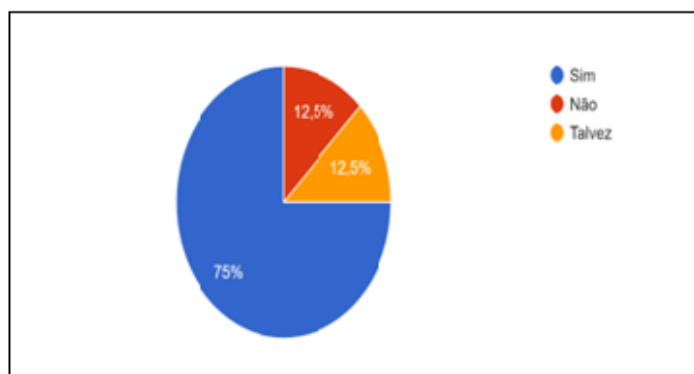
Alguns estagiárias conseguiram executar suas propostas didáticas integralmente de acordo com suas respostas:

- *“Embora o número de participantes tenha sido menor que o esperado conseguimos executar como planejado.”* (E5)
- *“Conseguir pôr em prática tudo que havia combinado”.* (E6)
- *“Foi possível cumprir com todos os prazos de acordo com o projeto orientado pela professora orientadora de estágio.”* (E8)

No contexto do retorno as aulas presenciais e na tentativa de minimizar essas dificuldades apresentadas, se torna fundamental que o professor, principalmente dessa modalidade de ensino, tenha um compromisso de não ser um mero transmissor de conteúdo, mas valorize o que o estudante traz da sua vivência para a escola, por ele já ter uma experiência de vida e a presença do professor se torna indispensável em sala de aula, como relatado por um aluno durante o estágio, dizendo que esse contato direto é motivador e essencial para o aprendizado deles e que fez muita falta durante o início da pandemia com a suspensão das aulas presenciais. Tendo uma postura que não é de transmitir conteúdos, mas torná-lo um indivíduo crítico e autônomo, para que possa refletir sobre a sua realidade e para que consiga transformá-la. Conforme Silva e Souza (2015): “Ser professor da EJA é entrar afundo na vida desses alunos, no seu cotidiano, é explorar nesse o aluno o que ele tem de melhor, é quebrar mitos e preconceitos, é prepará-lo de forma diferenciada para vida. É necessário que o professor faça uma reflexão crítica sobre sua prática.”

4.4 Dificuldades dos estudantes da EJA durante a retomada das aulas presenciais.

Gráfico 6 - Dificuldades no retorno das aulas presenciais sob a ótica dos estudantes.



Fonte: elaborada pela pesquisadora

O gráfico 6 demonstra que continua difícil para os estudantes da EJA retomar aquilo que a pandemia paralisou, ou seja, pois 75% foi constatado pelas estagiárias no momento que fizeram suas observações no campo de estágio que estes estudantes têm algum grau de dificuldades para esse retorno das aulas presenciais e 12,5% foram observadas que não tinham identificado nenhuma dificuldade e também com 12,5% responderam que talvez tivessem dificuldades.

Esses sujeitos que são pessoas com baixo poder aquisitivo, geralmente, conseguem apenas o básico à sua sobrevivência e que já vem de um histórico de desistências e escolhas que são obrigados a fazer, deixando de lado a complementação da sua educação, pois começam a trabalhar muito cedo para sustentar seus familiares. Uma das características bem marcadas durante esse percurso é a baixa autoestima, devido ao fracasso escolar, que resultam em consequências devastadoras no aprendizado, levando de um lado, no seu retorno à sala de aula, por atitudes de extrema timidez ou por atitudes de irreverência e transgressão. Durante o estágio, alguns estudantes adultos e idosos nos relataram que muitas vezes numa sala de aula da EJA, devido a quantidade de jovens nela, torna-se impossível a convivência do grupo e os estudos.

No estágio em EJA com o retorno das aulas presenciais nesse período de pandemia e durante a nossa etapa de observação, os estudantes apontaram dificuldades como: falta de segurança; desmotivação foi uma das maiores razões para retomar os estudos; atraso no aprendizado, uma vez que eles necessitam do contato direto com o professor, apontado por eles como importantíssimo essa interação entre professor-aluno, com a dinâmica da sala de aula; muitos não acompanharam as aulas online e voltaram com ainda mais dificuldades de aprendizagem; a readaptação a sala de aula; muitos relatavam que sentiam-se inseguros em passar para o ciclo III, por não acreditarem que sabiam o suficiente ou que não tinham

desenvolvido habilidades de leitura e/ou escrita como desejavam, mas outros demonstravam estar felizes com o retorno presencial as aulas.

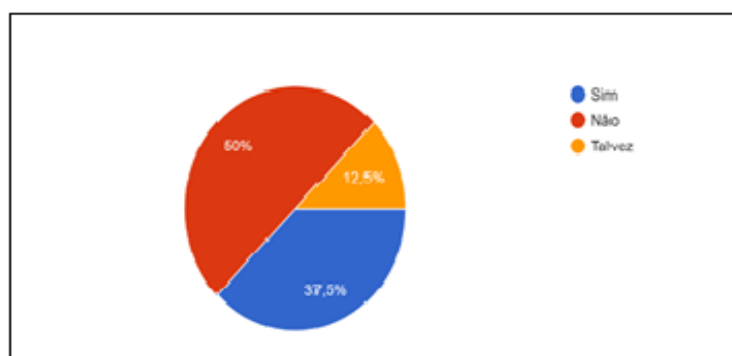
Segundo Cunha *et.al* (2020, p. 33-34) nessa interação professor-aluno diz que:

[...] A educação é um processo que pressupõe o encontro, como afirma Freire (2004). Para ele e para nós não existe docência sem discência, o ensino se realiza com vistas à aprendizagem, pois ensinar não é um ofício solitário, mas uma ação que se constrói conjuntamente entre os sujeitos participantes desse processo, sobretudo pela troca socializadora que o encontro propicia. [...]

Esse contato direto entre o professor e seus alunos foi apontado pelos alunos da EJA como um ponto essencial e motivador para presença deles na escola. O retorno às aulas presenciais nos mostra um grande problema que preocupa a todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, principalmente no que se refere a EJA, que é a pouca frequência as aulas ou a evasão escolar, que devido a pandemia como foi relatado pelas estagiárias nas suas observações, muitos estudantes tiveram durante a fase inicial da pandemia que procurar suprir o sustento de suas famílias, pois alguns pais ficaram desempregados ou por ter que tomar conta de seus irmãos menores, entre outros. E os que retornaram estão tendo dificuldades para recuperar o tempo perdido no aprendizado, que antes já não era estável e depois desse período ficou muito prejudicado, como foi relatado também por várias professoras do ensino fundamental no ensino regular, imagine na EJA, que já tinha muitos problemas antes desse período.

4.5 - Dificuldades apresentadas pelas estagiárias durante o período de estágio.

Gráfico 7 - Dificuldades enfrentadas pelas estagiárias.



Fonte: elaborada pela pesquisadora

O gráfico 7 demonstra que 37, 5% das estagiárias enfrentou alguma dificuldade durante o período de estágio supervisionado na EJA, enquanto que 50% delas respondeu não

ter tido dificuldades nesse período e 12,5% respondeu talvez ter tido alguma dificuldade. Vale salientar que assim como os estudantes da EJA, as estagiárias estão da mesma forma completando os seus estudos com o retorno das aulas na pandemia, passaram pelo mesmo momento de incertezas que todos na sociedade e também com desafios no seu cotidiano para essa concretização profissional.

Algumas responderam que foram bem recebidas por todos na escola, que esse apoio foi fundamental e que também receberam orientações importantes por parte da orientadora do estágio para que seu desempenho, mesmo com todas os obstáculos, fosse um sucesso. Apontaram como maiores desafios a falta de material, segurança e outros, mas responderam mais detalhadamente que tiveram obstáculos na sua prática no campo de estágio como:

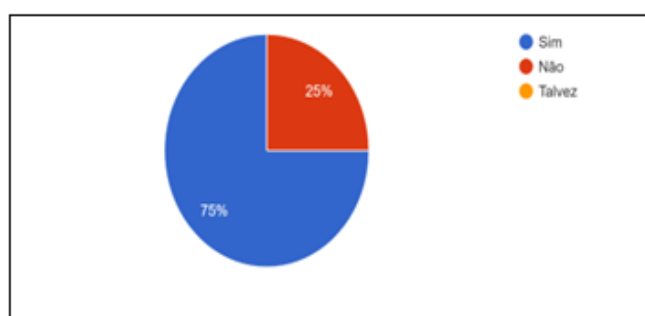
- *“Falta de alunos na escola.”* (E1)
- *“Na presença da diretora durante o turno da noite, ausência de PPP, falta de resposta. Ela foi excelente na acolhida, mas depois disso era difícil encontrá-la na escola.”* (E2)
- *“No sentido de sentir na pele a retomada dos alunos a voltar querer está na sala de aula e suas dificuldades de aprendizagem”.* (E3)
- *“O estágio ocorreu de forma tranquila.”* (E4)
- *“Um momento novo de descobertas sempre gera insegurança.”* (E5)
- *“Fui muito bem recebida e acolhida, pela gestão escolar, professores, alunos e demais profissionais da instituição. Recebi as orientações necessárias por parte da Docente Quêzia e Cida”.* (E6)
- *“Não. Pelo fato de o local de estágio ser próximo a minha residência, por não sentir resistência alguma por parte dos sujeitos envolvidos, tanto gestão quanto alunos e professora e por ter tido um apoio, sem sombra de dúvidas, fundamental ao longo do processo.”* (E7)
- *“Apesar da insegurança do local do campo de estágio, tive um bom acolhimento por parte de todos os envolvidos no processo”.* (E8)

Todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem passaram por adaptações difíceis e durante o isolamento social, tivemos que ficar no modo remoto de ensino que de acordo com Alves (2020, p. 352) é que “[...] o entendimento de que o ensino remoto ou a educação remota configura-se como as práticas pedagógicas mediadas por plataformas

digitais”. Nessa utilização dessas plataformas muitos dos profissionais da educação tiveram que aprender a lidar rapidamente com elas, o que gerou uma sobrecarga emocional grande e que também ocasionou que a qualidade da educação não melhorou, de acordo com Cunha *et.al* (2020, p. 34): [...] interação síncrona, por meio das mediações audiovisuais em plataformas de web conferência, para a grande maioria há menos interação e mais delegação de muitas tarefas, aulas expositivas, quase sempre gravadas e, portanto, não dialogadas, contemplando frações do currículo [...] . E nesse retorno as aulas presenciais, fica evidente o acúmulo de problemas causados por esse período da pandemia da Covid-19 para a educação como um todo.

4.6 Utilização de Materiais Didáticos.

Gráfico 8 – Uso de Materiais didáticos em sala de aula.



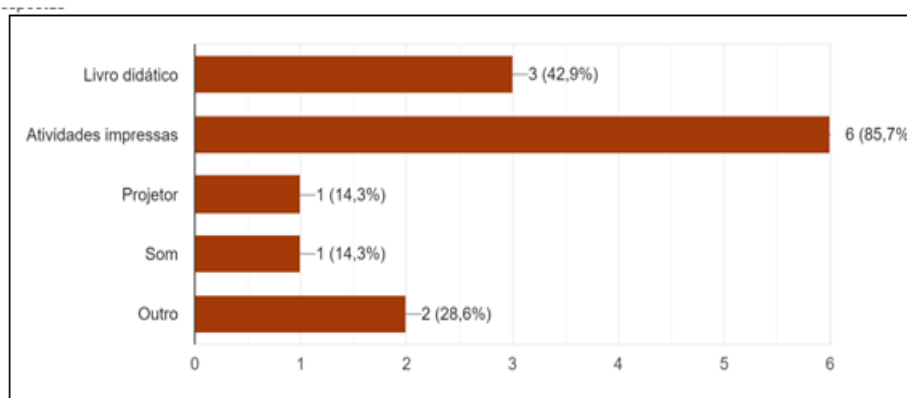
Fonte: elaborada pela pesquisadora

Vale salientar que o material didático muitas vezes é confundido com o Livro Didático, que é um instrumento muito importante para o aprendizado, mas a definição de material didático é que são os materiais que podem ser manipulados e trabalhados de forma a permitir o aluno. Percebe-se por meio do gráfico acima que uso do material didático pelo que as estagiárias observaram e relataram é utilizado em 75% das aulas e 25% das estagiárias responderam que não observaram a utilização desses materiais durante o período de estágio. Diante desses dados, compreende-se que o livro didático é um recurso pedagógico indispensável para o processo de ensino e aprendizagem, apesar de não contemplar muitas vezes a realidade dos alunos da EJA, na maioria das vezes sendo o único recurso utilizado nas escolas.

O material didático pode ter vários formatos, sendo os principais o impresso, audiovisual e tecnológico e de acordo com a complementação feita pelas respostas das estagiárias de que na sua grande maioria é utilizada as atividades impressas.

No gráfico 9, as estagiárias questionadas sobre suas observações feitas em sala de aula sobre quais os materiais didático foram utilizados durante o período do estágio, responderam: 6 (seis) das estagiárias (85,7%) observaram que as atividades impressas dominam as salas da EJA, seguidos por 3 (três) estagiárias (42,9%) o Livro didático, 2 (duas) estagiárias (28,6%) pelo uso de outros materiais que não foram detalhados por elas e 1 (uma) (14,3%) pelo uso de som e 1 (uma) outra (14,3%) pelo uso de projetor.

Gráfico 9 – Materiais didáticos mais utilizados na sala de aula da EJA.

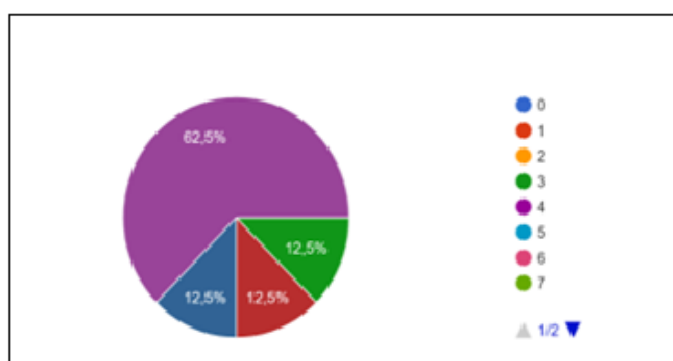


Fonte: elaborada pela pesquisadora

Durante o estágio observou-se que continua a utilização da atividade impressa, muitas vezes é o mesmo que é utilizado por outros estudantes do ensino regular e como foi mencionado acima não sendo condizente com a realidade do estudante da EJA, dificultando que o processo de aprendizagem aconteça de maneira significativa e causando assim um desinteresse pela escola.

4.7 Avaliação da experiência com instituição de ensino

Gráfico 10 – Experiência das estagiárias no campo de estágio.



Fonte: elaborada pela pesquisadora

O estágio supervisionado possibilita conhecer e vivenciar o contexto escolar em todos os níveis de aprendizagem, desde a Educação Infantil até EJA, onde podemos refletir sobre o caminho que devemos seguir, enfrentando obstáculos e nos mostrando a realidade da instituição escolar a partir das práticas, da observação, da participação e da docência. O primeiro contato com a instituição de ensino é uma experiência marcante em todos os sentidos e essa primeira aproximação com o ambiente escolar é enriquecedora e significativa, porque vamos nos aperfeiçoando com a nossa prática pedagógica que iremos aplicar em nosso percurso profissional. Mesmo com as experiências preparatórias que fazemos durante a nossa formação, como seminários e trabalhos de pesquisa, não se compara com a prática durante os estágios, pois no ambiente escolar vão surgir situações adversas que teremos que passar para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal.

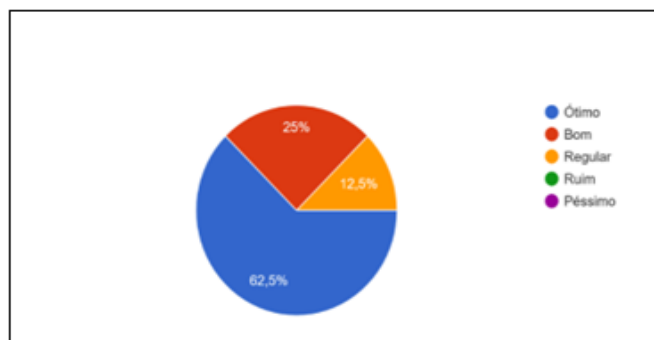
De acordo com o gráfico 10 quando questionadas de como seria sua avaliação da sua experiência quanto ao período de vivência com a instituição na qual foi realizado o estágio na EJA, numa escala de 0 a 10, onde zero seria péssimo e dez seria ótimo, as respostas mostraram que cinco das estagiárias (62,5%) responderam que foi 10 (ótima) em todos os sentidos, uma das estagiárias avaliou a importância do estágio na graduação 9, enquanto outra (12,5%) marcou no 8 na graduação e outra (12,5%) marcou na graduação 3, portanto a marcação indica que a experiência da maioria foi boa, mas não a ponto de ser de satisfação na sua totalidade. As respostas comprovam que a experiência no campo de estágio para algumas foi tranquila, mas para outras foi decepcionante de acordo com as respostas dadas por elas:

- *“Fui bem recebida e a direção bem receptiva.” (E1)*
- *“Por algumas questões, não achei uma experiência legal. A escola em que estagiei não estava preparada para receber os alunos de uma forma eficaz e muito menos estagiárias. Faltou organização e planejamento pedagógico”. (E2)*
- *“Foi riquíssimo para a minha formação humana e profissional. Aprender na realidade como se dão as teorias dos textos foi inerente para a minha prática docente.” (E3)*
- *“Porque foi uma das melhores vivenciadas.” (E4)*
- *‘Fomos muito bem recebidas por todos!’ (E5)*
- *“Como citei, uma experiência nova” (E6)*

- *“Foi uma experiência muito enriquecedora, o apoio e as orientações recebidos, foi de suma importância para o planejamento e execução da proposta didática que contemplasse de forma acessível todos os sujeitos da sala independente de suas especificidades pedagógicas.” (E7)*
- *“Foi o melhor estágio supervisionado ao qual tive o prazer em estar inserida de forma tão acolhedora e participativa.”. (E8)*

4.8 Prática em relação a teoria no campo de estágio.

Gráfico 11 - Prática e teoria



Fonte: elaborada pela pesquisadora

A expectativa sobre nossa atuação é grande, quando da chegada o período de estágios começa a bater uma insegurança e nos questionamos se seremos capazes de atuar na sala de aula, pois nos preparamos durante a nossa formação com embasamento teórico bem vasto e muitas vezes ouvimos de outras estagiárias durante o percurso que somente com a prática teremos a real proporção de nossa atuação profissional. E segundo o gráfico 11, onde 62,5% responderam que é ótimo, enquanto que 25% bom e 12,5% responderam regular.

Em relação ao gráfico 11 responderam que embora a teoria e prática sejam diferentes, porém, a escolha dos teóricos e materiais disponibilizados pela docente do estágio supervisionado, assim como as vivências relatadas pelas docentes e ex-estagiárias convidadas para uma palestra sobre suas experiências durante as aulas nos aproximaram da realidade vivenciada na prática da sala de aula da EJA, nos mostrou um pouco do que iríamos enfrentar no campo de estágio e como também é importante ter um bom embasamento teórico nesse momento, que algumas das estagiárias colocaram que a teoria seria para dar o alicerce a prática. Assim a prática no campo de estágio aproximou-se das teorias apresentadas durante as aulas na Universidade.

Responderam também que tudo que a professora trabalhou em sala foi essencial para a nossa preparação para atuar durante as regências e também no período de elaboração delas, mostrando a realidade, deixando claro que iríamos enfrentar dificuldades e que tínhamos capacidades para vencer os obstáculos e que era uma experiência única e desafiadora, foi um momento de muita troca de conhecimento.

O importante em nossa formação inicial ter em mente que essas experiências agradáveis ou não, que se apresentam durante os estágios servem para o aprimoramento da nossa docência e segundo Almeida e Pimenta (2015, p.44) sendo necessário entender e ver a formação:

[...] em sua complexidade e abrangência, de forma a carregar consigo a marca da concepção de professor, como o profissional que lida com a educação, enquanto prática social em constante transformação e, nesse contexto, com o conhecimento sistematizado, visando à emancipação do homem. Dessa forma, o professor é um intelectual, em processo contínuo de construção.

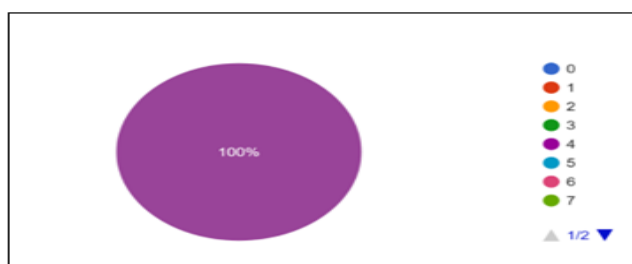
Estamos em constante aprendizado durante toda a vida e nessa preparação e capacitação estamos nos aperfeiçoando para dar uma melhor qualidade de ensino aos nossos alunos. De acordo com Almeida e Pimenta (2015, p.64) sendo essencial que:

A passagem pelos diferentes momentos do estágio nessa modalidade de ensino soma-se às reflexões desenvolvidas na sala de aula da graduação em um processo identitário com a profissão, ajudando formadores e formandos a compreender a profissão, respeitar a especificidade da EJA e a refletir sobre as possibilidades e limites do professor que ali desenvolve suas práticas. [...]

Como já foi mencionado acima ser professor é um processo contínuo de construção, com compromisso e respeito, mostrando assim a importância da teoria complementar a prática.

4.9 Importância do estágio em EJA para a formação dos futuros docentes.

Gráfico 12 – Importância do estágio na EJA



Fonte: elaborado pela pesquisadora

O estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório para formação acadêmica e possibilita conhecer e vivenciar o contexto escolar em todos os níveis de aprendizagem, desde a Educação Infantil até EJA, onde podemos refletir sobre o caminho que devemos seguir, enfrentando os obstáculos, conhecendo a realidade da instituição escolar a partir das práticas, da observação, da participação e da docência. Essa primeira aproximação com o ambiente escolar é enriquecedora e significativa, porque vamos aperfeiçoando a nossa prática pedagógica que iremos aplicar em nosso percurso profissional. Como mostrado no gráfico 12, todas concordam que é importante a experiência prática na EJA, pois vivenciamos a realidade do contexto escolar deles.

As estagiárias consideram o componente de extrema relevância, analisando que devido a inúmeros fatores: políticos, sociais, econômicos, culturais, sempre haverá uma demanda grande de sujeitos a serem atendidos pela EJA, sendo essencial formar profissionais aptos a atender este público com suas especificidades. Com a prática no campo de estágio durante a pandemia, por ser a sala de aula dessa modalidade um lugar único, somente conseguimos ver as dificuldades e potencialidades no seu cotidiano escolar e para nossa formação inicial é imprescindível esse contato direto com todos os sujeitos envolvidos nesse processo.

Muitas vezes pela invisibilidade dessa modalidade, colocada a margem do ensino regular, algumas argumentaram que tinham uma visão negativa dela e que com esse contato com os sujeitos, mudaram seu modo de pensar, passando a considerá-la uma experiência bastante enriquecedora e necessária para o desenvolvimento da nossa docência.

A atuação docente na EJA, geralmente, se dá com professores que tem experiência nas etapas iniciais e finais da Educação Básica, não havendo uma proposta pedagógica específica para os alunos da EJA, usando os recursos que a escola dispõe para as outras fases de escolarização, como no caso do livro didático. Nessa perspectiva Soares e Pedroso (2016, p. 256):

Todavia, as novas diretrizes curriculares para o curso de Pedagogia (BRASIL, 2006) não trazem nenhuma normatização específica a respeito da formação de um perfil para o educador de jovens e adultos. Isso pode ser associado ao fato de a formação de educadores se encaixar, no geral, no mesmo molde. Conforme apontado por Arroyo (2006), esse caráter universalista, generalista dos modelos de formação de educadores, associado a um caráter histórico desfigurado da EJA, explica por que não temos uma tradição de um perfil de educador de jovens e adultos e de sua formação.

Tendo que ter nessa atuação prática de ensinar e aprender uma articulação numa relação de intencionalidade, reciprocidade e de diálogo entre os estudantes e os docentes, estando coerente com as características da EJA, assumindo que terá muitos obstáculos a transpor durante esse trajeto. Conforme Santos (p. 106) “[...] O professor é o elemento chave no processo ensino-aprendizagem, contudo é essencial que seja responsável, compromissado, que saiba aceitar a diversidade; que seja ético para lidar com os problemas do ensino [...]”.

De acordo com Gadotti e Romão (2007 apud SANTOS, p. 107):

[...] a formação do futuro profissional deve priorizar a consciência social a partir da compreensão da situação do aluno e daqueles que estão fora da escola. O profissional do ensino não é um técnico, é um profissional do humano, do social, do político. Deve criar possibilidades para que seja um agente cultural, um motivador social.

Conforme Laffin (2020, p.2) diz: “A EJA é compreendida como uma modalidade da educação básica, nas suas etapas fundamental e média que requer um tratamento e o atendimento às suas particularidades, o que remete a pensar também a formação docente.” A preocupação não deve estar somente relacionada as especificidades desses sujeitos, mas principalmente se o docente está apto para atender as necessidades e interesses deles, para que o objetivo principal seja atingido, ou seja, uma aprendizagem que seja significativa. Foi observado durante o estágio supervisionado que muitos dos professores da EJA, dão aulas no ensino regular, atendendo a crianças e adolescentes e tem que planejar suas aulas e metodologias que muitas vezes não são interessantes para os alunos da EJA, por estarem familiarizados com os alunos do fundamental e médio dos outros turnos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu conhecer os desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID – 19 na EJA, que tiveram que se adaptar ao modo híbrido de ensino na cidade de João Pessoa/PB, para a sua formação acadêmica em Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba – Campus I.

A escolha da temática foi primeiramente de ter cursado o componente curricular Educação de Jovens e Adultos que me instigou para identificar as dificuldades que elas enfrentam e conseqüentemente uma reflexão de que maneira poderíamos realizar uma melhoria no processo ensino e aprendizagem. Com contato direto através do estágio supervisionado tive o prazer de conhecer a história de vida de alguns alunos e seu esforço para concluir seus estudos, surgiu então o interesse em aprofundar mais sobre o assunto.

Através do referencial teórico e da pesquisa de campo foi possível conhecer os obstáculos enfrentados pelas estagiárias no estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos, no retorno ao modo presencial durante o período pandêmico e também constatar a realidade dos sujeitos dessa modalidade de ensino, que apesar de todos os avanços, ainda não está devidamente valorizada por parte das políticas públicas de Estado, persistindo historicamente e sendo deixada de lado, tendo sua situação agravada devido a pandemia e nesse contexto um dos problemas citados e mais preocupante foi a evasão escolar, que ocorre por vários motivos, apontadas pelas estagiárias e professoras supervisoras como: cansaço do trabalho, falta de segurança, falta de profissionais qualificados para a área, dentre outros. Mas mostra que a força de vontade em aprender deles é maior, persistindo no seu objetivo final e algumas escolas fazendo busca ativa nas comunidades para trazer de volta esses alunos que estão fora da escola.

Podemos concluir que os objetivos da pesquisa foram cumpridos e dessa forma, foi de grande valia o conhecimento desses desafios enfrentados pelas estagiárias, para uma reflexão sobre os melhoramentos que poderão ser feitos nesse processo de ensino e aprendizagem. Foi importante também compreender que diante de todas as dificuldades e medos enfrentados nesse período de estágio supervisionado em tempo de pandemia, todos os envolvidos, estagiárias, alunos da EJA, professores, ou seja, toda a comunidade escolar e acadêmica, tiveram que se adaptar as situações que surgiram e conseguiram com determinação superar os obstáculos.

Durante o estágio Supervisionado, nessa vivência no ambiente escolar e com o contato direto com a realidade dos alunos da EJA, que enquanto trabalhadores, donas de casa, desempregados, sujeitos que tem direitos, mas sem apoio por parte de políticas públicas adequadas, fazem um esforço grande para concluírem seus estudos para melhoria da sua qualidade de vida, refletimos sobre essa situação social e econômica, dificuldades que já existiam, agravadas pelo pandemia que afetou não somente esses sujeitos, mas toda a sociedade, não sendo diferente para as estagiárias que tiveram que retornar na sua parte prática para o ensino presencial no campo de estágio e sendo orientadas academicamente de modo virtual, tendo dificuldades comuns a todos como se adaptar ao uso de tecnologias, problemas de conexão, entre outros, ou seja, foram afetadas também pelos impactos da pandemia da Covid-19, mas esses desafios e experiências, com alguns obstáculos com o apoio da comunidade escolar ou mesmo enfrentando dificuldades até estruturais no campo de estágio, devem ser vistos como uma oportunidade de crescer profissionalmente e superação de nossas limitações.

Assim, concluímos que a pesquisa foi de grande importância para que tomássemos conhecimentos acerca do trajeto do estágio supervisionado, que embora por pouco tempo tivemos a noção da realidade das instituições públicas de ensino e com essas experiências nos aprimoramos na junção da teoria dada na universidade e da realidade da prática no campo de estágio. Além disso, esse contato direto com todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem no campo de estágio da EJA, é uma experiência fundamental para que se possa ter uma visão de como poderemos atuar como futuros pedagogos e ter esperança, mesmo sabendo das dificuldades enfrentadas por alguns professores, eles se preocupam em desenvolver metodologias levando em consideração as especificidades dos alunos da modalidade, buscando motivá-los e tornar essa aprendizagem realmente significativa.

Por fim, acredita-se que o trabalho contribuiu para uma melhor reflexão sobre os desafios enfrentados pelas estagiárias na Educação de Jovens e Adultos durante o estágio supervisionado, momentos desafiadores e ao mesmo tempo gratificantes e para que possam pensar e repensar sobre suas práticas pedagógicas quando estiverem atuando na área educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel D.; PIMENTA, Selma G. **Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos**. São Paulo: Cortez, 2015. E-book. ISBN 9788524924026. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788524924026/>. Acesso em: 01 dez. 2022.

ALVES, Lynn. EDUCAÇÃO REMOTA: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas - Educação**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 348-365, 4 jun. 2020. Universidade Tiradentes. <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365>.

ARAÚJO, Artur. **João pessoa se destaca nacionalmente por medidas para a educação durante a pandemia**. 2020. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/joaopessoa-se-destaca-nacionalmente-por-medidas-para-a-educacao-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 26 nov. 2022.

ARROYO, Miguel González. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: **SOARES**, Leônicio (Org.). Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, SECAD – MEC/ UNESCO, 2006. Formato eletrônico. Disponível em: http://forumaja.org.br/un/files/Formacao_de_educadores_de_jovens_e_adultos_.pdf Acesso em: 28 nov. 2021.

BRASIL. Resolução nº030/2016 de 21 de janeiro de 2016. **Normas estaduais para educação de jovens e adultos**. Diário Oficial do Estado, Paraíba. Disponível em: <https://cee.pb.gov.br/wp-content/uploads/2019/08/Re030-2016-Estabelece-Normas-Para-A-Educa%C3%A7%C3%A3o-De-Jovens-E-Adultos-Eja-No-Sistema-Estadual-De-Ensino-Revoga-A-Resolu%C3%A7%C3%A3o-CeePb-N%C2%BA-2292002-E-D%C3%A1-Outras-Provid%C3%A2ncias.pdf> < Acesso: 20 out. 2021>

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. < Acesso em: 06 nov.2022>

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>>. Acesso em: 05 nov. 2022

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler em Três Artigos Que Se Completam**. 25ª ed. SP: Cortez Editora, 1991.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 [Coleção Leitura].

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____, Paulo. **Política e educação: ensaios** / Paulo Freire. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23). Disponível em:< http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/politica_educacao.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

_____, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003

_____, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. 14ª ed.rev. atual, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 2011.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais. **Revista Ensaio**, v.17, n. 3, p. 749-767, Belo Horizonte, 2015. ISSN 1983-2117. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172015170310>. <Acesso em: 04 nov. 2022>.

LAFFIN, Maria Herminia Lage Fernandes. A constituição da docência na Educação de Jovens e Adultos. **Currículo Sem Fronteiras**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 210-228, jan./abr. 2012. Recuperado de: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/laffin.pdf>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012

LIRA, Karla Cybele Gomes; SILVA, Marta Santana; SANTIAGO, Eliete. **A prática pedagógica docente na EJA**. 2015. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/LIRA%3B+SILVA%3B+SANTIAGO+-+2015.2.pdf/f2b188c4-92c8-47ab-bff5-713f7010d37c>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

INSTITUTO UNIBANCO. Observatório de Educação. **Educação de Jovens e Adultos: a luta pelo direito à aprendizagem**. São Paulo. 2022.. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimidia/detalhe/educacao-de-jovens-e-adultos-a-luta-pelo-direito-a-aprendizagem#:~:text=A%20EJA%20registrou%20a%20quedan%C3%A3o%20frequentam%20mais%20a%20escola>. Acesso em: 14 nov. 2022.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos).

SALLES, João Carlos. Com aulas remotas, pandemia escancara desigualdade no acesso à educação de qualidade. [Entrevista concedida a] Caroline Oliveira. **Jornal Brasil de Fato**. São Paulo. jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/04/com-aulas-remotas-pandemia-escancara-desigualdade-no-acesso-a-educacao-de-qualidade>. Acesso em: 20 out. 2021

SANTOS, Elaine Barbosa dos. Docência, tarefa transformadora. **Cadernos de Campo**, [s. l], n. 18, p. 101-113, 24 nov. 2014. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/issue/view/511>

SILVA, Jaqueline Luzia da; BARBOSA, Carlos Soares. Contradições da Educação de Jovens e Adultos em tempos de educação remota. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 14-31, jan./ abr.2022. Disponível em: https://www.etd_rose,+8665776-Texto+do+artigo-117400-1-11-20220118.pdf

SILVA, Gleiciane Vieira da; SOUZA, Kelen Santos Conrado de. **As Práticas Educativas na Educação de Jovens e Adultos**. 2015. Só Pedagogia. Virtuoso Tecnologia da Informação. Disponível em: http://www.pedagogia.com.br/artigos/as_praticas_educativas/index.php?pagina=1. Acesso em: 30 nov. 2022.

SOARES, Leônicio José Gomes; PEDROSO, Ana Paula Ferreira. FORMAÇÃO DE EDUCADORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ALINHAVANDO CONTEXTOS E TECENDO POSSIBILIDADES. **Educação em Revista** [online]. 2016, v. 32, n. 4, pp. 251-268. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698161277>>. Acesso em: 16 dez. 2022

STIVANIN, Fabia Neridiana. **Estágio curricular: um estudo a partir das significações sociais construídas pelas estagiárias sobre o curso de Pedagogia/CE/UFSM**. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Rio Grande do Sul, p.128. 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/221916501-Estagio-curricular-um-estudo-a-partir-das-significacoes-sociais-construidas-pelas-estagiarias-sobre-o-curso-de-pedagogia-ce-ufsm.html>. Acesso em: 13 nov. 2022.

STRECK, D. R. et al. **Educação popular e Docência**. São Paulo: Cortez. 2015.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu XXXXXXXXXX em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa **“O Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos: Desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID - 19”**. Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **“O Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos: Desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID - 19”**, terá como objetivo geral conhecer os desafios de estagiárias no retorno presencial em período da pandemia da COVID – 19 na EJA.

- Ao voluntário só caberá a autorização para responder sob a técnica de questionário e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde;
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo. - Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(083) 9XXXXXX** com **Lucimeire Sales Araújo**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com a pesquisadora, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

APÊNDICE B - Questões do formulário *Google Forms* enviadas para as estagiárias:

1. Você cursou o componente curricular estágio em EJA no formato Híbrido?
2. Conseguiu acompanhar as aulas on-line da orientadora do estágio da EJA durante a proposta híbrida de estágio?
3. Como foi seu acolhimento por parte da gestão da escola durante esse período?
4. Como foi seu acolhimento por parte da sua professora supervisora na escola?
5. Como foi seu acolhimento por parte dos estudantes da turma da EJA?
6. A sua proposta didática foi executada da maneira planejada?
7. Você identificou alguma dificuldade do estudante da EJA durante a retomada das aulas presenciais?
8. Você enquanto estagiária enfrentou alguma dificuldade durante o período de estágio?
9. Se a resposta à pergunta anterior for positiva, qual (is)?
10. Você observou materiais didáticos utilizados em sala de aula?
11. Se a resposta à pergunta anterior for positiva, qual (is)?
12. Em uma escala de 0 a 10, sendo 0 péssimo e 10 ótimo, como você avalia sua experiência quanto ao período de vivência com a instituição na qual foi realizado o estágio na EJA.
13. O que você achou da prática no campo de estágio em relação a teoria dada na Universidade?
14. Em uma escala de 0 a 10, sendo 0 pouco importante e 10 extremamente importante, você acha necessário o componente curricular de estágio supervisionado em EJA para sua formação?